

Papa Leão XIV

# VIAGEM APOSTÓLICA A ESPANHA

*6 a 12 de junho de 2026*



# LEÃO XIV

# VIAGEM APOSTÓLICA A ESPANHA

MADRID, BARCELONA,  
LAS PALMAS DE GRAN CANARIA  
E TENERIFE

6 a 12 de Junho de 2026

[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)

© Dicastério para a Comunicação - Libreria Editrice Vaticana

# ÍNDICE

## MADRID

SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE AOS JORNALISTAS DURANTE  
O VOO ROMA-MADRID

ENCONTRO COM AS AUTORIDADES, OS REPRESENTANTES  
DA SOCIEDADE CIVIL, E O CORPO DIPLOMÁTICO

VISITA AOS PRESTADORES DE SERVIÇO E BENEFICIADOS DO  
PROJETO SOCIAL “CEDIA 24 HORAS”

VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS

SANTA MISSA - PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

ENCONTRO “CRIAR REDES COM O MUNDO DA CULTURA, DA  
ARTE, DA ECONOMIA E DO DESPORTO”

ENCONTRO COM OS MEMBROS DO PARLAMENTO ESPANHOL

ENCONTRO COM OS BISPOS DE ESPANHA

ORAÇÃO E HOMENAGEM À VIRGEM DE ALMUDENA

ENCONTRO COM A COMUNIDADE DIOCESANA DE MADRID

ENCONTRO COM OS VOLUNTÁRIOS

## BARCELONA

ORAÇÃO DA HORA-SEXTA

VIGÍLIA DE ORAÇÃO

VISITA AO CENTRO PRISIONAL “BRIANS 1” (BARCELONA)

ORAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO

ENCONTRO COM AS ORGANIZAÇÕES DE CARIDADE E  
ASSISTÊNCIA DA DIOCESE

SANTA MISSA

LAS PALMAS DE GRAN CANARIA

ENCONTRO COM AS ORGANIZAÇÕES DE RECEÇÃO DE  
MIGRANTES

ENCONTRO COM OS BISPOS, OS SACERDOTES, OS  
DIÁCONOS, OS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS, OS SEMINARISTAS E  
OS AGENTES PASTORAIS

SANTA MISSA

TENERIFE

ENCONTRO COM OS MIGRANTES DO CENTRO “LAS RAÍCES”

ENCONTRO COM AS REALIDADES DE INTEGRAÇÃO DOS  
MIGRANTES

SANTA MISSA

**MADRID**

# ***SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE AOS JORNALISTAS DURANTE O VOO ROMA- MADRID***

*Sábado, 6 de Junho de 2026*

*Muito bom dia a todos!*

Já estamos em território espanhol, por isso, em primeiro lugar, saúdo em espanhol os jornalistas espanhóis que nos acompanham e todos os que aqui se encontram.

Muito obrigado pelo vosso serviço.

Como bem sabeis, esta viagem é a primeira viagem de um Papa à Espanha após um bom tempo. Pessoalmente, estou muito contente por realizar esta viagem. Já vim muitas vezes a Espanha, mas é a primeira vez com esta missão. Uma visita apostólica é vir ao encontro dos fiéis, celebrar a fé, anunciar a mensagem de Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo, é saudar a todos, a toda a sociedade, porque a Igreja tem uma mensagem para todos, como terão visto – creio eu – com muita clareza na Carta Encíclica publicada no dia 25 de maio.

Espero que todos tenham uma boa viagem, que seja uma oportunidade para descobrir muito entusiasmo. Há muitos católicos, e quero sublinhar sobretudo a presença dos jovens. Parece-me que, pelo que já me informaram, haverá um bom número de jovens cheios de entusiasmo e, nesse sentido, creio que, partilhando todos a alegria da fé, podemos transmitir uma mensagem muito positiva. Uma mensagem que, em cada

lugar a que chegarmos, terá um significado particular: seja em Madrid, em Barcelona ou nas [Ilhas] Canárias. Tudo para viver a fé e para anunciar esta mensagem do amor de Deus, da caridade e do respeito por cada ser humano.

É um prazer saudá-los. Boa viagem!

**[Voltar ao índice](#)**

# ***ENCONTRO COM AS AUTORIDADES, OS REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL, E O CORPO DIPLOMÁTICO***

## ***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Palácio Real de Madrid*

*Sábado, 6 de Junho de 2026*

*Majestades,*

*Altezas Reais,*

*distintas Autoridades e membros do Corpo Diplomático,*

*senhoras e senhores:*

Dou graças ao Senhor por este encontro e agradeço o convite para realizar esta viagem apostólica a Espanha: um itinerário em várias etapas, cada uma das quais revelará um aspecto da multifacetada riqueza de um grande país, que acolheu a Palavra do Evangelho há quase dois milénios. A tradição sempre associou a primeira evangelização da Península Ibérica à pregação do apóstolo São Tiago, o Maior. Esta ligação reveste-se de considerável importância teológica, pois expressa a consciência da Igreja local de estar em continuidade com a missão apostólica nascida no Pentecostes. A ligação antiquíssima entre a fé cristã e estas terras, embora não esgote a identidade multiforme do vosso povo, moldou profundamente a sua cultura e representa uma fonte de esperança e de orientação entre os desafios que devemos hoje enfrentar juntos, como família humana. Penso

nas expressões da fé popular que, em cada cidade e aldeia, representam uma autêntica dramaturgia da salvação ao ritmo do ano e nos diversos contextos da vida. Com o património artístico-musical e as múltiplas irmandades e associações de carácter caritativo, dão testemunho do fecundo encontro entre Jesus Cristo e o vosso povo. Sois um povo cheio de paixão, que ama a vida e o manifesta!

Venho até vós para confirmar, encorajar e inspirar uma renovada fidelidade ao Evangelho de parte dos fiéis, bem como uma reconciliação e uma cooperação mais profundas entre as diferentes forças desta nação. Com efeito, a vossa própria história sugere que não é a cultura do confronto, mas a do encontro, que gera estabilidade e prosperidade. A bem ver, a mensagem de paz, que nestes tempos, infelizmente, ressoa para alguns como ingénuo e para outros como provocadora, encontra acolhimento em quem não se fecha em ideologias pré-fabricadas, mas se abre à verdade. Como nos ensinou o Papa Francisco, existe «uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma» (*Evangelii gaudium*, 231). Com efeito – concluía ele –, «a realidade é superior à ideia» (*ibidem*). A verdade é sempre maior do que nós e, por isso, surpreende-nos e atrai-nos para caminhos de purificação e reconciliação, nos quais o diálogo com os outros – e com “o Outro”, com maiúscula – torna-se fundamental.

A este respeito, gostaria de referir-me a duas figuras deste país que, mesmo para além das suas fronteiras visíveis, há cinco séculos alimentam a vida da Igreja e a busca espiritual de muitos. Trata-se de João da Cruz e Teresa de Ávila, que se tornaram amigos na paixão pelo Mistério divino. A sua mística é de olhos abertos, ou seja, não alheia à história, conduzindo,

pelo contrário, à raiz das questões, ao coração da realidade. Em particular o tema da noite, muito caro a São João da Cruz – cujo Ano Jubilar estamos a celebrar –, ajuda-nos a interpretar as transformações e suportar as tensões que tornam a nossa época tão sombria. Na sua sede de luz, paradoxalmente, ele aprendeu a apreciar a escuridão – «ditosa noite» (*Noite Escura*, 3) – como o tempo em que a alma se liberta daquilo que presumia conhecer e possuir. Também hoje, o que mais nos assusta, provocando em muitos a escuridão da razão e a violência das emoções, é o desconhecido, perante o qual pode prevalecer a desorientação, a sensação de já não termos mapas. Por isso são necessários, também na vida pública, homens e mulheres que intuem na escuridão a luz; no fim, um possível começo, como o irromper de uma verdade tal qual luz que ainda cega, mas que – se confiarmos e encontrarmos paz – nos trará delicadamente em direção a si mesma: «Oh! noite, que me guiaste; oh! noite, amável mais do que a alvorada; oh! noite, que juntaste Amado com amada; amada, já no Amado transformada!» (*ibid.*, 5).

A nossa época, que aparentemente se vê abalada por terríveis desequilíbrios e conflitos, no seu íntimo clama por paz, por um novo conhecimento da pessoa humana e da sua dignidade inviolável, pela civilização do amor (cf. *Magnifica humanitas*, 186).

Santa Teresa descreve este mesmo itinerário com a imagem do castelo interior. Avançando de quarto em quarto em direção ao lugar mais íntimo – isto é, cada um em direção ao seu próprio coração, santuário da verdade –, o espaço alarga-se, a mente abre-se, as contradições resolvem-se, as tensões dissolvem-se, os outros encontram o seu lugar, o universo torna-se lar. Não se trata de uma fuga intimista, mas de uma radical abertura ao *totus Alius et semper Novus*, que se realiza quando voltamos a nós mesmos. Esta

dimensão do ser humano é o motivo pelo qual é preciso proteger a liberdade religiosa e de consciência.

Hoje, a tentação de ganhar popularidade atizando o fogo das polarizações parece crescer, em vez de diminuir; a dignidade humana continua a ser violada. Por isso precisamos de cultura, interioridade, educação livre e de qualidade, transcendência. E, no entanto, a partir destas noites escuras, homens e mulheres fiéis à verdade viram-se impulsionados a avançar de aposento em aposento até ao ponto em que, no âmago da consciência, a justiça e a paz se abraçam. É da sua liberdade que aprendemos a ser livres.

A Igreja Católica está ao serviço desta sede do coração humano. Não de forma impositiva, mas com o testemunho evangélico apoiado por uma multidão de mártires e santos, e está disposta a colocar-se hoje ao serviço do futuro de um povo que busca a reconciliação e a paz.

Convido todos, por amor à verdade, a abandonarem as narrativas divisórias e polarizadoras da vossa realidade social e da vossa história, a fim de que se passe das simplificações estéreis a uma apreciação fecunda da complexidade. Vejo aqui uma vocação específica da Europa, da qual a Espanha é protagonista original e fundamental. É o presente que o Velho Continente pode oferecer ao mundo se quiser permanecer jovem, pois jovem é quem sente que tem um futuro e uma missão que ainda o interpelam. Apreciar a complexidade e estudá-la, aprendendo a vivê-la como uma bênção – ao invés de negá-la – e fugindo das abordagens identitárias que parecem esclarecer tudo, mas que povoam o mundo de fantasmas e inimigos: eis a tarefa de quem tem uma grande história às costas. As novas tecnologias converteram-se num ambiente artificial, onde as nossas opções fundamentais são postas à prova: no seu seio, exacerbam-

se os preconceitos, enfraquece o pensamento crítico e os interesses prepotentes semeiam impulsos de morte. Por outro lado, o bem pode resistir e ser comunicado.

É necessário – sobretudo por parte de quem tem responsabilidades económicas, políticas e institucionais – dar um salto qualitativo, uma mudança de rumo nos investimentos destinados à escola, à universidade e à investigação, às comunidades locais e à sociedade civil como sementeira de participação e mediação cultural. A segurança – que pensamos, com demasiada frequência, provir das armas e dos muros – amadurece, pelo contrário, quando se aprende a avançar com o outro, a crescer juntos, ombro a ombro. A vossa própria história o atesta. A presença do Islão na Península Ibérica, por exemplo, constituiu uma realidade política, cultural e religiosa de longa duração. Durante esse período, não houve apenas confronto, mas tentou-se criar um espaço de relação, conversa e diálogo sobre o sentido da verdade entre cristãos, muçulmanos e judeus. Na escola de tradutores de Afonso X, o Sábio, especialistas pertencentes às três religiões colaboraram na tradução do rico património árabe, grego e hebraico, contribuindo para a difusão de textos como, entre outros, os dos filósofos Averróis (1126-1198) e Maimónides (1138-1204). Em particular, cidades como Córdova e Toledo converteram-se em lugares de mediação entre línguas, religiões e saberes. Porém, esta é a verdade que contam as cidades europeias, a sua estratificação histórica, o tecido de solidariedade que ao longo dos séculos moldou as suas diferenças, transformando inevitáveis conflitos em pontos de partida.

Nas provações e nos fracassos é possível repensar tudo, como nos ensinou outro nobre filho desta terra: Inácio de Loyola teve essa audácia, dando crédito às desolações e consolações do seu coração, num exercício de discernimento e imaginação pelo qual preferiu a paz às armas e os santos

aos poderosos. Compreendeu que o bem pelo qual se sentia atraído não era utópico, e então a sua crise foi transformada em graça. O mesmo pode acontecer com as “novidades” que hoje nos inquietam e sobre as quais as nossas sensibilidades estão divididas. «Evitemos palavras que humilhem ou criem oposições. Escolhamos a clareza que ilumina e a franqueza que abre caminhos. Não abençoemos entusiasmos ingénuos, não alimentemos medos estéreis. Em vez disso, indiquemos critérios de discernimento – dignidade da pessoa, destinação universal dos bens, opção pelos pobres, cuidado da Casa comum, paz – e transformemo-los em ações: com projetos responsáveis, avaliações de impacto humano e social, inclusão dos mais frágeis, alfabetização digital, pesquisa e indústria orientadas para a justiça e a paz» (*Magnifica humanitas*, 14).

Majestades, Altezas Reais, senhoras e senhores, expresso o meu agradecimento ao vosso país pela sua fidelidade ao direito internacional e ao multilateralismo, que se traduz num compromisso ativo com a paz e a solidariedade entre os povos. Ao mesmo tempo, encorajo-o a cultivar o diálogo e a amizade social também internamente, a ter em conta as perspectivas dos pobres e dos jovens ao imaginar o futuro, a harmonizar as exigências de autonomia e de unidade, e a impulsionar o processo de união europeia, não em oposição a outras potências, mas como um dom para toda a família humana.

Que Deus abençoe a Espanha!

**[Voltar ao índice](#)**

# ***VISITA AOS PRESTADORES DE SERVIÇO E BENEFICIADOS DO PROJETO SOCIAL “CEDIA 24 HORAS”***

*Centro de Informação e Acolhimento (CEDIA) (Madrid)*

*Sábado, 6 de Junho de 2026*

*Eminência,*

*Excelências,*

*queridos irmãos e irmãs:*

Sinceramente, estou muito contente por iniciar aqui a minha visita a Madrid. Como disse Vossa Eminência, quem está *em* Madrid é *de* Madrid. E, por isso, também eu estou entre vós como mais um madrilenho: obrigado, Madrid, por esta recepção. Uma recepção que me faz sentir parte de uma grande e maravilhosa família, na qual – como em todas as famílias – acontecem milagres de amor.

Em particular nesta casa, onde ninguém fica só. Aqui, a alegria e a dor de cada um são a alegria e a dor de todos e, ao escutarmo-nos mutuamente, enfrentamos juntos os desafios, sem ignorar a complexidade das situações e, ao mesmo tempo, sem deixar de lado as exigências da caridade e da justiça, «em diálogo com todos aqueles que se preocupam seriamente do homem e do seu mundo» (*Deus caritas est*, 27). Assim, o CEDIA percorre o caminho do Evangelho, seguindo as pegadas de Jesus, o Filho de Deus que se fez homem não só para curar as nossas doenças e misérias, mas para as fazer suas – exceto o pecado –, vivendo como um de nós na fraqueza e

identificando-se com toda a pessoa que sofre, a ponto de nos dizer: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40).

Neste sentido, podemos interpretar as palavras que acabámos de ouvir no canto: «Em cada sonho procurei-te, e nenhum foi em vão». Elas sintetizam muito bem os testemunhos que ouvimos e o trabalho que aqui se realiza todos os dias.

Com efeito, graças a um sonho e a uma pequena porta aberta – pequena em tamanho, mas imensa em misericórdia, como disse Sua Eminência –, Niurka deu a Ares e Atenea a vida, o seu amor de mãe, a graça do Batismo e a promessa de um futuro feliz.

Graças a um sonho e a essa mesma pequena porta, Khadri atravessou o escuro túnel da pandemia e fez uma viagem cheia de incógnitas. Com a ajuda daqueles que lhe estenderam a mão, demonstrando que o apreciavam e acreditavam nele, encontrou um emprego e, acima de tudo, recuperou a vontade não só de seguir em frente, mas também de, por sua vez, servir de apoio a outros, tal como outros o apoiaram.

Graças também a um sonho e àquela mesma pequena porta, todos os dias a Alicia e os outros voluntários do *Projeto Esperança* ajudam tantas mulheres a recuperar dignidade, autonomia, esperança, respeito pelo valor sagrado da pessoa, e a iniciar uma nova vida.

Também os símbolos que me ofereceram são uma mensagem para todos: a fita com os nomes das crianças expressa a alegria que cada nascimento traz ao mundo; a autorização de residência conta uma história de esforço, mas sobretudo de compromisso, honestidade e acolhimento; as sandálias, que recordam o encontro de Moisés com Deus no Horeb (cf. *Ex*

3,1-6) e evoca a “terra sagrada” que somos obrigados a respeitar em toda a existência humana.

Por isso, agradeço de coração a todos vós por terdes partilhado experiências dolorosas, mas sobretudo cheias de luz, que refletem, como espelhos, a caridade de Deus.

Os vossos testemunhos abrem-nos uma janela para um panorama imenso, povoado por uma infinidade de mães como Niurka, de meninos e meninas, de mulheres e homens, de voluntários e voluntárias: tantas pessoas, tantos irmãos e irmãs, tantas histórias, tão numerosas que, como diz São João: «Se elas fossem escritas, uma por uma, penso que o mundo não teria espaço para os livros que se deveriam escrever» (*Jo* 21, 25). E a comparação com o Evangelho não é forçada, porque nestas histórias continuam as «coisas que Jesus fez» (*ibid.*), às quais se refere o Evangelista.

O Senhor Arcebispo, no seu discurso, evocou o caminho que vai (do presépio) de Belém ao Paraíso. Madrid é famosa também pelos presépios que a adornam na época natalícia. A sua beleza, no entanto, é apenas uma pálida expressão de uma maravilha ainda maior e mais profunda, que hoje encontramos aqui. As luzes, as vozes e os sons que, durante as festas de Natal, nos chegam ao coração e nos fazem chorar, na verdade, levamo-los dentro de nós, conosco e entre nós durante todo o ano, e hoje estão mais vivos e acesos do que nunca nestes espaços, em torno deste “presépio” simples e acolhedor que, com a ajuda de Deus, vós continuais a preparar dia após dia – aliás, literalmente de dia e de noite – para Jesus, presente nas pessoas que se aproximam da porta do Centro em busca de ajuda.

Como lema para esta visita, foram escolhidas as palavras de Jesus aos seus discípulos: «Levantai os olhos» (*Jo* 4, 35). São um convite a contemplar os campos maduros que aguardam a colheita e nos recordam

que a caridade não admite demoras. Se o trigo não for colhido quando está maduro, a colheita perde-se, e esta é a nossa responsabilidade perante aqueles que estão necessitados: uma responsabilidade que consagra cada encontro com o outro como um *kairós*, um momento de graça único e irrepetível para amar, que não se deve perder nem adiar. O amor de Cristo impele-nos para os irmãos (cf. 2 *Cor* 5,14) e a caridade e a solicitude com que respondemos aos seus impulsos são a prova da nossa fé.

Se pensarmos bem, na realidade, «também os cristãos, em muitas ocasiões, se deixam contagiar por atitudes marcadas por ideologias mundanas ou por orientações políticas e económicas que levam a injustas generalizações e a conclusões enganadoras. Observar que o exercício da caridade é desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial, faz-me pensar que é preciso ler novamente o Evangelho, para não se correr o risco de o substituir pela mentalidade mundana. Se não quisermos sair da corrente viva da Igreja que brota do Evangelho e fecunda cada momento histórico, não podemos esquecer os pobres» (*Dilexi te*, 15).

As palavras de Jesus são também um convite a cultivar um coração sensível às necessidades dos outros (cf. *Sl* 112, 1-9), mantendo vivo em nós o desejo de bem que Deus colocou na nossa própria humanidade e que a fé liberta e fortalece. O Papa Francisco dizia a este respeito: «Diante do mistério da vida pessoal e dos desafios da sociedade, quem acredita dá saltos de alegria, tem uma paixão, um sonho a cultivar, um interesse que o impele a comprometer-se pessoalmente» (*Homilia*, Marselha, 23 de setembro de 2023), e advertiu sobre o perigo de um «coração insensível, frio, acomodado numa vida tranquila, que se tranca na indiferença e se torna impermeável» (*ibid.*). Um coração vivo é quente e palpitante, e dá

vida. Um coração frio está imóvel, já não bombeia sangue, e provoca a morte da pessoa.

Mas gostaria de sublinhar um último aspecto do convite do Senhor: na verdade, é também um apelo a olhar nos olhos aqueles que sofrem e a fazer da ajuda, acima de tudo, um encontro entre irmãos unidos no único abraço do Pai. Também sobre isto o Papa Francisco insistiu muito. Ele perguntou: «Quando dás esmola, olhas para os olhos do mendigo? Tocas-lhe na mão para sentir a sua carne?» (*Ángelus*, 27 de outubro de 2024) e concluiu: «A esmola não é caridade. Quem recebe mais graça da esmola é aquele que a dá, pois faz-se olhar pelos olhos do Senhor» (*ibid.*). Os que amam verdadeiramente «não se limitam a dar qualquer coisa: escutam, dialogam, procuram compreender a situação e as suas causas [...]. Estão atentos tanto à necessidade material como à espiritual, ou seja, à promoção integral da pessoa» (*Mensagem para a VII Jornada Mundial dos Pobres*, 13 de Junho de 2023, 5).

E poderíamos concluir olhando para Maria, em cuja caridade tudo isto encontra o seu cumprimento: no seu amor solícito em Caná (cf. *Jo* 2,1-11), ansiosa por seguir os passos do seu Filho (cf. *Lc* 2, 41-49; 8, 19-21), próxima e solidária até ao fim junto à cruz (cf. *Jo* 19, 25-27). A Ela confio cada um de vós e o vosso trabalho, nesta terra que lhe está consagrada, desejando que o espírito da sua maternidade universal anime cada vez mais o grito da fé. A Ela digamos: «Ensinai-nos a ver-vos sempre como Mãe, fonte de misericórdia, regaço de perdão, abraço de esperança, porta da Glória» (*Oração de São João Paulo II na Almudena*, 15 de Junho de 1993).

Obrigado!

Bem, antes de dar a bênção, rezemos a oração que Jesus Cristo nos ensinou.

*[Pai-nosso, Bênção Apostólica]*

Felicidades a todos! Muito obrigado por este testemunho de amor!

### **Palavras do Santo Padre - Visita à Paróquia *Nuestra Señora de la Crucifixión***

Muito obrigado, é um prazer estar aqui. Estou muito contente com esta primeira visita à Arquidiocese de Madrid; também por começar numa paróquia chamada da Crucificação, que é um sinal não de morte, mas de esperança, de vida nova, de ressurreição e da salvação que Jesus oferece a todos nós.

Agradeço imensamente a todas as associações representadas aqui; obrigado por este belo serviço que prestam, pois este é o sinal de esperança no mundo de hoje. É o Evangelho vivo que todos queremos ver, sentir e experimentar, mas que muitas vezes se perde ou se esquece devido à grande indiferença que afeta a nossa sociedade.

Tendes nas vossas mãos essa grande possibilidade de oferecer esperança: a nós e a todo o mundo. Obrigado por isso. Obrigado pelos sacrifícios, obrigado por dizerem «sim» a Jesus Crucificado, obrigado por abraçarem a Cruz para que assim vós, nós e todos, caminhando juntos, cheguemos à esperança e à alegria da Ressurreição.

Muito obrigado!

Não há melhor lugar para rezar do que estando na Igreja, embora em casa, evidentemente, também o possamos fazer. E, unidos assim, como uma grande comunidade de vida e de fé, rezemos juntos como Jesus nos ensinou.

*[Pai Nosso. Bênção Apostólica]*

Muito obrigado, felicidades! Obrigado por este belo serviço!

**[Voltar ao índice](#)**

# VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Plaza de Lima (Madrid)*

*Sábado, 6 de Junho de 2026*

### ***Perguntas dos jovens***

(1) *Sabemos que Santo Agostinho é muito importante para si, mas que outros santos e que outras figuras de referência o ajudaram no seu crescimento como cristão?*

(2) *Gostaria de lhe perguntar agora sobre os seus anos como missionário no Peru. Que recordação ou experiência guarda como um tesouro desses anos?*

### ***Respostas do Santo Padre***

Em primeiro lugar, uma saudação a todos vós! Obrigado por estardes aqui compartilhando a fé com toda [a cidade de] Madrid e com toda a Espanha. Quanto à primeira pergunta, sobre alguns santos que foram referências para mim durante o meu crescimento e a minha juventude, mas também como bispo e como Papa... Já mencionastes a Santo Agostinho – e todos sabemos que Santo Agostinho é uma figura muito importante para toda a Igreja –, mas também pensei num dos padres da Igreja oriental, chamado São João Crisóstomo. Seu nome significa “boca de ouro”, um título que este Padre da Igreja mereceu pois possuía uma eloquência muito bonita. Antes do seu batismo, ocorrido no ano 368, estudava filosofia. Depois, dedicou-se à exegese da Sagrada Escritura, juntamente com outros

jovens de Antioquia, a sua cidade natal. Após uma experiência como eremita, dedicou-se ao serviço da Igreja como sacerdote e, depois, como bispo. A esse respeito, aproveito para dizer-vos a todos: Não tenhais nunca medo de pensar na vocação à vida sacerdotal, à vida religiosa ou a outros ministérios na Igreja! Pois São João Crisóstomo, que levava no seu coração este amor pela Palavra de Deus, depois de ser sacerdote e bispo, deu um grande testemunho, sobretudo com a coerência da sua vida. Se ele pregava, era porque vivia esta mensagem. A mim, pessoalmente, me impressionaram especialmente as suas catequeses, sermões, homilias e escritos que unem o amor à verdade e a retidão de sua vida. Mas também era dotado de muita valentia: não tinha medo de falar diante do Imperador, de falar do que era a favor da justiça e não apenas algo para agradar o outro. Era um homem de palavra!

Outro santo no qual pensei é São Tomás de Vilanova, agostiniano, que foi chamado a tornar-se, também ele, pastor da Igreja. Era espanhol. Estudou na Universidade de Alcalá e, pela sua sabedoria, ganhou a estima do imperador Carlos V. Logo, foi nomeado bispo de Valência e empreendeu uma intensa obra de reforma da Igreja, sobretudo do clero, exortando os seus irmãos à perseverança na oração, na vida de castidade e na obediência. Pela sua ardente caridade é conhecido até hoje como “o Bispo dos pobres”. Esta caridade encorajou-me nos momentos de provação e nos momentos de serviço.

Outro companheiro de caminho é São Turíbio de Mogrovejo, também espanhol. No século XVI, foi missionário no Peru, onde se dedicou com grande zelo à evangelização, estudando as línguas locais. São Turíbio uniu uma intensa vida de oração ao compromisso com a justiça, especialmente face aos abusos e à corrupção da sua época. Por isso, para mim, é um

modelo de entrega ao povo, especialmente aos mais pobres, em nome de Cristo.

Contemplando a vida destes santos, tal como Santo Agostinho, disse a mim mesmo: se eles foram capazes, por que não eu? (cf. *Confissões*, VIII, 27). Uma pergunta que também vos deixo de bom grado, convidando-vos a escolher exemplos de vida boa, que sejam atraentes tanto para vós como para os outros.

Quanto aos anos vividos no Peru, como missionário e depois como bispo, recordo sobretudo o testemunho de fé do povo, marcado por muitas dificuldades, mas cheio de esperança. Foi precisamente o encontro com as feridas e também com as alegrias do povo que me fez crescer no caminho do seguimento de Jesus. Enquanto O anunciava, também eu era transformado pelo Evangelho, transformado pela vida e pela fé desses povos, muitas vezes materialmente pobres, mas ricos na fé. E, experimentando esta fé na palavra do Senhor, vi como esta pode converter o conflito em paz. Pode ser fonte de reconciliação e de justiça.

### ***Perguntas dos jovens***

*(3) O que considera que nos poderia ajudar a reconhecer a voz de Deus entre tantas outras vozes?*

*(4) Como podemos nós, também buscadores, acompanhar aqueles que estão longe no seu processo de descoberta da beleza da fé?*

### ***Respostas do Santo Padre***

Primeiro, podemos falar sobre como escutar esta voz de Deus, como discernir se verdadeiramente é Deus que está a falar ou trata-se de outra coisa, atração ou dificuldade.

Para reconhecer a voz de Deus, pode ajudar-nos, acima de tudo, o silêncio: aqui, creio que é muito importante que cada um de nós busque desenvolver a capacidade de estar em silêncio. Muitas vezes andamos com os auriculares, a escutar música, andamos distraídos e não sabemos estar em silêncio. Creio que, muitas vezes, é precisamente nesta experiência do silêncio que Deus pode nos falar ou onde podemos discernir a voz d'Ele. Quando procuramos o silêncio, decidimos o que não ouvir e os ruídos pelos quais não nos deixaremos distrair. Ao libertarmo-nos do estrondo de mil vozes, reconhecemos que algumas enganam os nossos desejos, outras seduzem-nos sem nos alimentar, outras falam por interesse. No silêncio compreendemos que as ideologias passam, enquanto a verdade permanece. Neste ponto, gostaria de destacar também a importância da busca pela verdade, pois muitas vozes, muitas coisas nas redes [sociais] nos enganam e nos contam mentiras. Buscai sempre a verdade! Deus é a Verdade! Se algo vos afasta de Deus, não é verdade! Não esqueçais disto!

Em segundo lugar, tende a certeza que Deus conhece bem a vossa voz: Ele ouve-vos e responder-vos-á. Não tenhais medo de expressar o que sentis no coração. Existe um salmo que diz: «Aquele que fez o ouvido, não ouvirá?» (Sl 94, 9). O nosso discurso interior transforma-se em oração, louvor e súplica quando é confiado ao único que o pode ouvir. A oração é uma voz livre precisamente porque não fala para prestar contas, para demonstrar que estamos preparados ou para nos fazer sentir importantes. Quando nós próprios nos tornamos oração, o Senhor responde-nos com o seu Verbo, que se fez homem por nós, afirmando que nos ama com todo o seu ser.

Em terceiro lugar, para reconhecer a voz de Deus é necessário ouvir a Palavra. A Palavra de Deus está viva, pois é Cristo, cuja voz continua a ressoar na Igreja que é o seu Corpo. Ele cumpre todas as Escrituras, esse

testamento antigo e novo dado aos homens como promessa de salvação. Também a adoração eucarística, que esta noite partilhamos, é precisamente o lugar adequado para manter silêncio, libertar o coração e “estar” nós próprios perante o Senhor, dialogando com Ele, de modo que o Seu amor, tornado alimento para toda a humanidade, se torne eloquente.

Além disso, queridos jovens, para acompanhar os outros na descoberta da beleza da nossa fé, lembrem-se de que nenhum de nós nasceu mestre e que, perante o Senhor, todos somos discípulos. Partilhai, pois, o vosso caminho espiritual, dando testemunho dele com coerência de vida: a vontade de seguir Jesus irá renovar-vos constantemente, sobretudo nos momentos de cansaço. Então, é importante ver que, crendo em Jesus, ninguém está só! Vede quantos estais aqui! Assim também na comunidade, nos grupos de jovens, na família, todos podemos aprender a beleza da nossa fé pois, partilhando o vosso caminho espiritual, a vontade de seguir Jesus vos renovará constantemente. Ele caminha ao nosso ritmo e ilumina o nosso caminho. Convido-vos a agir, como pastores, educadores e amigos, seguindo o exemplo do Mestre. Se rezais com amor, os jovens apreciarão a importância da oração. Se sois ardentes na fé, transmitireis o seu fogo vivo. Buscai todos, nos vossos corações, este fogo do amor de Deus! Pois aí está a presença de Jesus, a sua presença próxima, que se percebe inclusive nos momentos de nossas quedas, pois Ele não nos abandona. Também quando nos convertemos em mão estendida e abraço fraterno, quando procuramos oportunidades para servir aos outros e quando buscamos tocar a vida do próximo, com suas feridas, na sua tristeza, nas suas dificuldades. Então, a fé em Jesus Cristo se faz viva e é quando Ele nos ajuda a apoiarmo-nos mutuamente ao longo do caminho.

### ***Perguntas dos jovens***

(5) *Como podemos nós, jovens cristãos, viver comprometidos com esta sociedade?*

(6) *Qual é a missão concreta que Sua Santidade nos pede, a nós, jovens da Igreja?*

### ***Respostas do Santo Padre***

Parabéns pelo casamento, Fernando! Vi também aqui outros noivos que irão casar-se: Felicidades e bênçãos! Pois, se antes eu disse: “não tenhais medo de pensar numa vocação”, o matrimónio também é uma vocação. Não tenhais medo do casamento e de formar uma família!

Ao longo dos séculos de história da Igreja, nós, cristãos, temos vivido em todo o tipo de sociedades, atravessando as mudanças das culturas que partilhámos e ajudámos a moldar. Há um texto antigo chamado *Carta a Diogneto*, que nos oferece, a este respeito, uma bela intuição: «assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo» (VI). Este é o nosso modo de viver: os discípulos de Jesus são sempre contemporâneos, mas nunca prisioneiros do tempo que passa. Somos livres em Cristo! Ele libertou-nos com o seu amor. Graças a este amor, somos sempre livres diante de qualquer coação e engano. Estamos livres das modas, porque somos discípulos da verdade; estamos abertos ao futuro, porque sabemos que a morte não nos espera. Pelo contrário, o sentido da história culmina na eterna comunhão de vida que Deus prepara para todos. Nesta perspectiva, sobretudo vós, jovens, sois chamados a dar uma nova direção à sociedade, tornando-vos protagonistas da mudança a partir dos vossos laços quotidianos, daquilo que viveis na família, na universidade e no trabalho. Ao ver-vos, queridos jovens, cheios deste entusiasmo motivado pela fé, entusiasma-me pensar na vossa capacidade de testemunhar Cristo no mundo, incluindo a realidade digital, para comunicar os valores e a beleza

do Evangelho (cf. *Christus vivit*, 105; *Saudação no Jubileu dos missionários digitais*, 29 de julho de 2025).

Portanto, convido-vos todos a ser juntos sal da terra e luz do mundo (cf. *Mt 5, 13*). Para viver assim, é necessário, antes de mais nada, interpretar a sociedade atual, vivendo com sabedoria, para depois poder transformá-la como testemunhas do Evangelho. Com efeito, o jovem cristão torna-se luminoso tanto na alegria como na provação, dando sabor à realidade porque a habita como alguém que desfruta da vida no seu interior, sem esperar que a riqueza, o prazer ou o poder lhe deem sabor. Esta é a nossa liberdade, que tem a sua fonte na fé, capaz de iluminar e dar bom sabor a toda a sociedade, a toda a experiência humana. Em contrapartida, quando a vida não tem sabor, é como se nos fosse arrebatada: já não a sentimos nossa. Perante o vazio da indiferença e do conformismo, perante a violência da guerra e da mentira, sede vós mesmos centelha duma nova humanidade.

Agora, quero confiar-vos a todos uma missão: que sejais humanos. Sim, sede humanos! Homens e mulheres de carne e osso. Não aparências, mas rostos fiáveis. Pessoas que procuram a justiça porque têm fome dela, como do pão de cada dia. Pessoas que desejam uma vida honesta e reta, porque fazem de bom grado aos outros o que gostariam que os outros lhes fizessem. Sede humanos como o é Cristo, o homem perfeito, o Ressuscitado que partilha conosco a história em todos os tempos. Cultivando este compromisso, olhai para os Apóstolos, para os primeiros cristãos, habitantes de um mundo pagão. Seguindo o seu exemplo, sede missionários do Evangelho perante as misérias materiais e espirituais do nosso tempo, sabendo bem que a nossa fé é um estilo de vida que se realiza na caridade (cf. *Gal 5,6*). Esta, queridos jovens, é a virtude que muda a história mais do que qualquer outra. Vós podeis mudar a história! Fazei-o com o amor! Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# SANTA MISSA - PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

## *HOMILIA DO SANTO PADRE*

*”Plaza de Cibeles”, Madrid*

*Solenidade de Corpus Christi*

*Domingo, 7 de Junho de 2026*

*Eminências e Excelências Reverendíssimas,*

*queridos sacerdotes, religiosos, religiosas,*

*Majestades,*

*irmãos e irmãs:*

Com o coração cheio de alegria, no início desta viagem a Espanha, presido a esta celebração no dia da Solenidade de *Corpus Christi*.

Estamos reunidos em torno à Eucaristia, o dom da presença viva de Cristo no meio de nós. Ele, que quis oferecer-nos a sua vida para nos fazer entrar na comunhão do Pai e tornar-nos seus filhos, está aqui, como Pão vivo descido do céu, que nos alimenta com a própria vida de Deus, com um amor mais forte que a morte.

Esta memória do Senhor presente no Pão eucarístico está no coração da vossa fé e da história do vosso povo. Aqui em Madrid, mas também em tantos outros lugares da Espanha, *Corpus Christi* não é mais uma festa do calendário litúrgico, mas um regresso às raízes da fé para renovar o amor e

a fidelidade a Deus. As solenes procissões deste dia têm moldado, ao longo dos séculos, a piedade, a arte, a música, a arquitetura e a vida do povo espanhol e, ainda hoje, expressam e manifestam o sentimento espiritual deste país também através da beleza e da elegância dos tapetes florais, dos altares nas ruas, do cuidado com as custódias e os ostensórios, dos cânticos e dos ornamentos. Não se trata de uma manifestação exterior, de uma sobrevivência folclórica ou de um simples adorno estético: trata-se aqui da fé na presença do Senhor Ressuscitado, que está vivo e continua a passar no meio de nós, que se faz pão para a nossa fome de vida e visita os recantos do nosso coração e da nossa história, também os mais escuros.

Assim, se na celebração eucarística Cristo se entrega como alimento, a procissão diz que Ele não permanece fechado no templo, mas sai ao nosso encontro. Jesus caminha pelas ruas, atravessa as praças, visita os nossos bairros, habita os lugares da nossa vida quotidiana. Ele é o Deus próximo que caminha com o seu povo, o Senhor da história, consolo dos fracos, luz para as famílias, esperança para os doentes, paz para quem sofre. O Cristo que passa pelas ruas na custódia é o mesmo que se identifica com os pobres, os abatidos, os que estão sozinhos e desamparados. Não é por acaso que aqui, na Espanha, a Igreja tenha unido durante anos a solenidade de *Corpus Christi* com o *Dia da Caridade*.

Não se trata apenas de levar a custódia, mas de nos deixarmos sair do egoísmo, da indiferença, de uma fé confortável e privada, para responder ao seu convite à conversão, a mudar o olhar, a acolher a sua presença que nos transforma e nos torna construtores de um mundo novo.

Por isso, a memória histórica das procissões de *Corpus Christi* não se deixa aprisionar por uma lembrança nostálgica; torna-se, pelo contrário, um convite para o hoje, para a nossa vida pessoal, para as nossas relações, para

a sociedade, para a construção do futuro. Nesta perspectiva deve ser compreendido o convite a “recordar” que ouvimos na primeira leitura: «Recorda-te de todo o caminho que o Senhor teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto»; lembra-te de como, quando estavas com fome, Ele te alimentou com o maná. Trata-se de “recordar” precisamente para não esquecer quem é o Senhor, para não cair na tentação de confiar noutros ídolos e alimentar-se de um pão que não sacia.

Por isso, eis uma recomendação para a Espanha de hoje e de amanhã: não seja a religiosidade que anima este país há séculos um museu do passado para ser visitado, mas uma escola de fé da qual ainda hoje se pode beber. Uma escola que nos ensina a ajoelhar-nos perante Deus e perante o próximo, porque ninguém pode ajoelhar-se perante o Senhor e desprezar o irmão; uma escola que nos ensina a gratidão do amor que se torna dom, para que circule entre nós e quebre as correntes de todo o egoísmo; uma escola na qual aprendemos que Deus é presença real e que também nós somos chamados a estar presentes nas situações e nos desafios da sociedade, a não fugir, a comprometer-nos pessoalmente na construção do bem comum.

Irmãos e irmãs, desejo recordar aqui São Manuel González, o bispo dos sacrários abandonados. A sua vida recorda-nos que a Eucaristia não pode ser honrada apenas nas grandes celebrações ou de forma ocasional, mas também na fidelidade silenciosa de quem acompanha o Senhor com uma amizade humilde e discreta, alimentada dia após dia. Gostaria também de recordar os versos poéticos de São João da Cruz: «Que bem sei eu a fonte que mana e corre mesmo de noite» (*Cantar da alma que se alegra em conhecer Deus pela fé*). Na prisão conventual de Toledo, onde se encontrava encarcerado em condições extremamente duras, precisamente por volta do *Corpus Christi* de 1578, ele reconhece, desde a noite daquela

prisão, a presença oculta do Senhor, da qual brota uma luz que não conhece ocaso e mana uma vida que não se esgota. Jesus Eucaristia é «aquela eterna fonte [que] está escondida» (*ibid.*), fonte que corre e sacia a sede, mas sem deslumbrar, sem se impor com poder exterior, sem se apresentar de modo espetacular (cf. *ibid.*).

Voltemos para Ele com amor sincero. Abramo-nos ao encontro com Ele, deixemos que Ele hidrate as aridezes do nosso coração, para depois sairmos, nos caminhos da vida e da história, e levarmos entre as pessoas esta corrente de água fresca, de amor, de paz, de justiça e de alegria. Bebamos novamente desta fonte eucarística, que não nos fecha numa devoção privada, mas nos envia para regar os irmãos, as famílias, os pobres, aqueles que sofrem e aqueles que perderam a esperança. A graça eucarística transforma-nos, mas também nos converte em protagonistas da transformação da história e sinal de esperança para aqueles que encontramos.

Que o Senhor Jesus, presente na Eucaristia, vos faça pão partido, entregue e oferecido, para que uma vida plena possa brotar para vós, para as vossas famílias e para o vosso país.

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO “CRIAR REDES COM O MUNDO DA CULTURA, DA ARTE, DA ECONOMIA E DO DESPORTO”

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*“Movistar Arena” (Madrid)*

*Domingo, 7 de Junho de 2026*

*Eminência,*

*queridos amigos e amigas:*

É um prazer encontrar-me convosco neste lugar, um espaço que não acolhe apenas atividades desportivas, artísticas e culturais, mas também emoções profundas do ser humano: a alegria, a admiração, o entusiasmo e a esperança, bem como a tristeza e a frustração.

Neste belo país, é impossível não admirar a marca de criatividade que atravessa a sua história e dá forma à sua identidade. Uma beleza visível nas suas cidades, nas suas ruas, seus monumentos, nas praças e jardins, nas suas universidades e igrejas, na música, na pintura, na dança, na sua gastronomia. Aqui se percebe também a alma das gerações que transformaram a paisagem e lhe deram um rosto próprio, e isso revela-nos, em cada traço, a inteligência e a vontade que residem na alma humana.

Depois de contemplar atentamente estas maravilhas criadas pelas gerações anteriores, surge inevitavelmente uma pergunta que nos interpela a

todos: que herança estamos a deixar para o futuro e, por conseguinte, que tipo de comunidade estamos a construir?

Ouvi com sumo interesse cada uma das intervenções dos oradores; concordo convosco. A nossa sociedade, com efeito, possui uma extraordinária capacidade de produzir, inovar e comunicar; no entanto, parece que ainda precisamos de aprender a custodiar a alma daquilo que ela gera. Caso contrário, corremos o risco de sermos peritos nos meios e eficazes na produção, mas incertos quanto ao porquê, para quê, com quem e para quem se produz. Neste contexto, a Igreja, consciente tanto dos seus acertos como dos seus erros ao longo da história, deseja permanecer em diálogo com o mundo contemporâneo.

O desejo do bem, da beleza, da verdade está enraizado no “ADN da humanidade”; e é a partir dessa aspiração profundamente humana e da nossa experiência plurissecular que a Igreja propõe caminhos para uma vida digna e para o bem comum. A este propósito, São Paulo VI afirmou perante as Nações Unidas que, independentemente da opinião que se tenha do Pontífice de Roma, é bem conhecida a sua missão. Enquanto “perita em humanidade”, a Igreja não fica alheia a nada verdadeiramente humano (cf. *Gaudium et spes*, 1). Por esta razão, a «abertura ao diálogo é parte integrante da vocação da Igreja» (*Magnifica humanitas*, 2). Hoje constatamos que a questão decisiva continua a ser a mesma: que significa ser verdadeiramente humano?

A Igreja partilha com humildade, mas também com firmeza, aquilo que descobriu na experiência da fé: que Jesus Cristo responde às grandes perguntas sobre a vida humana e a sua plenitude, já neste mundo e até ao seu ápice na eternidade. «Por isso, a pessoa humana permanece sempre “a via da Igreja” e o coração de todo o caminho autêntico de desenvolvimento

humano integral» (*ibid.*, 50). E, por isso, ela não pode desinteressar-se da cultura, porque, através dela, o homem, enquanto homem, “é” mais (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 554).

E precisamente porque “cultura” evoca “cultivo”, como sugere a raiz etimológica que ambos os termos partilham, somos chamados a perguntar-nos: o que semeamos hoje? O que floresce e o que murcha silenciosamente na nossa sociedade? Que valores estamos a preservar e quais estamos a deixar morrer? São perguntas profundas, necessárias, que não podem ser ignoradas.

Para responder a estas interrogações, é necessário um diálogo social que podemos comparar à arte de tecer redes, que implica encontro, escuta, diálogo e respeito.

Nos vários setores da atividade humana, devemos cuidar da linguagem que se utiliza: escrita, oral e, no ambiente digital, também a das imagens; porque a comunicação nunca é neutra. Toda a expressão fala, transmite; pode ferir ou curar, destruir expectativas ou abrir horizontes, semear divisão ou despertar a esperança na possibilidade de construirmos juntos algo genuinamente humano.

Assim, tecer redes é um diálogo entre instituições centrado na dignidade humana. Isto implica, por exemplo, que a universidade não viva de costas voltadas para o mundo do trabalho nem renuncie à verdade; que a atividade empresarial não veja o trabalhador como mais um fator na equação dos seus interesses; que a arte não se destine apenas às elites; que o desporto não seja reduzido a espetáculo ou convertido em mero negócio; que o progresso tecnológico tenha em conta os idosos, os pobres e aqueles que não têm voz.

O nosso contributo para o diálogo, a partir de uma visão cristã da vida, nasce da consciência de que o Criador entrelaçou o ser humano com fios de

amor, pois este foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é amor (1 Jo 4,8). Aqui reside o fundamento da inalienável dignidade humana, cujo respeito absoluto é a base do diálogo.

Em segundo lugar, tecer redes significa criar juntos. «A fé - afirmou o Papa Bento XVI - é amor, e por isso cria poesia e música. A fé é alegria, e por isso cria beleza» (*Catequese*, 21 de maio de 2008). Todos experimentámos algo tão belo que nos transformou interiormente: uma canção, um poema, uma igreja silenciosa, uma voz, um olhar, até mesmo um jogo de basquetebol vivido com amigos.

Não é de estranhar, portanto, que a proclamação da Boa Nova e a consciência de nos sabermos irmãos se expressem sob a forma de uma saeta em Semana Santa, de poesia mística, de mestria literária em autores como Lope de Vega, Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz ou Calderón de la Barca, ou na prosa serena de São Tomás de Aquino, de quem herdámos os belos hinos do Corpus Christi, que hoje celebramos. Tudo isto mostra o vínculo entre o material e o espiritual que constitui a nossa existência.

Tecer redes significa, em terceiro lugar, servir de modo desinteressado. Um olhar objetivo revela que homens e mulheres movidos pela fé edificaram hospitais e escolas, deram origem a iniciativas solidárias e usaram uma linguagem que dignifica as pessoas. Por isso, importa perguntar com honestidade se o mundo — e, em particular, a Europa — teria forjado a sua identidade sem a marca espiritual que impregnou a sua história. Não se trata de uma provocação, mas de um convite a pensar se a eternidade, que irrompeu no tempo e no espaço mediante a encarnação de Jesus Cristo, pode voltar a reconciliar-se com o quotidiano.

Será realmente possível acreditar que a Europa — que tanto amamos — seria como é, sem a marca da fé? Por que temer que a eternidade impregne

o quotidiano? Continua vivo o grito dos meus Predecessores: Não tenhais medo! Abri de par em par as portas a Cristo! Jesus Cristo não nos tira nada e dá-nos tudo.

Quero perguntar-me em voz alta: quem está a ser excluído apesar das suas virtudes e capacidades? Não podemos ignorar que a condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e económicos, e a Igreja (cf. *Dilexi te*, 9).

Com efeito, Cristo restitui ao bem comum o lugar que lhe corresponde enquanto árbitro sábio, que apazigua a cobiça de uns e alimenta a esperança de outros, enquanto anseia por salvar todos.

Esta Igreja, “perita em humanidade”, embora por vezes caminhe contra a corrente, insiste que «as estruturas económicas e institucionais só são justas na medida em que servem o desenvolvimento integral da pessoa e favorecem a participação responsável de todos» (*Magnifica humanitas*, 34).

Permiti-me dirigir, por fim, a vossa atenção para um mundo que - como sabeis - não me é alheio: o do desporto. Pensemos em quantos de nós aprendemos o respeito pelo adversário num campo de jogo mais do que escutando um discurso. Quantos desportistas nos ensinam a perder sem odiar, a ganhar sem humilhar e a levantar-nos depois de cair.

A este respeito, São João Paulo II, como desportista e pastor, declarou: «Nestes tempos, em que infelizmente várias formas de violência, e por conseguinte de ódio, tendem nefastamente a lacerar o tecido da solidariedade social, vós contribuis, da vossa parte, para dar testemunho luminoso de coesão, de paz e união, numa palavra, de “saberdes estar juntos”» (*Discurso aos participantes no Campeonato de Esqui Aquático*, 31

de agosto de 1979). Estas palavras são mais atuais e oportunas do que quando ressoaram pela primeira vez.

Queridos amigos: convido-vos, então, a serdes *firos novos para tecer redes novas* que harmonizem todos os âmbitos da vida, para entrelaçar uma sociedade renovada na qual o tempo se impregne de eternidade, a cultura guarde a memória e favoreça o diálogo, a educação promova a procura da verdade com espírito crítico, a arte desperte assombro e gere emoções nobres, a empresa reconheça a dignidade da pessoa e o trabalho continue a ser motor de esperança.

Sejamos *firos novos*, acolhendo o conselho de São Paulo: «Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens» (*Rm* 12, 15-18). Porque em tudo isto está em jogo a possibilidade de, no futuro, continuar a resplandecer a nossa “magnífica humanidade”. Muito obrigado.

Sejamos todos, então, construtores desta nova comunidade.

[*Bênção*]

Muito obrigado, felicidades a todos!

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM OS MEMBROS DO PARLAMENTO ESPANHOL

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Congresso dos Deputados (Madrid)*

*Segunda-feira, 8 de Junho de 2026*

*Presidente do Governo,*

*Presidente do Congresso dos Deputados,*

*Presidente do Senado,*

*Presidente do Tribunal Constitucional,*

*Presidente do Tribunal Supremo e do Conselho Geral do Poder  
Judicial,*

*Membros do Congresso dos Deputados e do Senado,*

*Senhoras e senhores:*

Agradeço à Senhora Presidente as suas amáveis palavras, bem como o convite que a Santa Sé recebeu por ocasião da minha visita a este país, e a deferência de me acolher neste histórico Palácio do Congresso dos Deputados, âmbito eminente da vida institucional, jurídica e democrática do Reino de Espanha. Venho perante todos vós como Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica, consciente de que a missão confiada ao Sucessor do apóstolo Pedro como princípio e fundamento de unidade dos Bispos e dos

fiéis (cf. *Lumen gentium*, 23) coloca a Santa Sé, de modo peculiar, em diálogo com os povos e com os Estados.

A minha presença entre vós quer ser um gesto de proximidade com a Espanha, no marco da mútua cooperação, e uma palavra oferecida ao serviço da pessoa humana. A Igreja “caminha com a humanidade”, partilha as suas esperanças e as suas feridas, escuta os interrogantes de cada época e deixa-se interpelar “por tudo o que diz respeito à existência dos homens e das mulheres de hoje”. Por isso, quando se dirige à vida pública, fá-lo respeitando a missão própria das instituições e a legítima responsabilidade de quem recebeu o mandato de legislar. Reconhece “a autonomia das realidades terrenas” e “a distinção entre comunidade eclesial e comunidade política”; e, precisamente a partir dessa consciência, aporta uma reflexão nascida do desejo de servir o bem comum e de recordar aquilo que torna verdadeiramente humana a convivência (cf. *Magnifica humanitas*, 18-19).

Neste hemisfério dá-se forma jurídica à convivência social. Aqui as diferenças são escutadas, ordenadas e, quando possível, convertidas em decisão partilhada. Por isso, para além da legítima diversidade de posições, toda a tarefa legislativa acaba por se deparar com uma pergunta decisiva: que concepção da pessoa humana inspira as leis e que tipo de sociedade constroem essas leis.

Perante esta questão, Espanha possui uma memória particularmente rica. A sua identidade geográfica e política foi-se entrelaçando com uma história em que a fé e a razão, a arte e o direito, a tradição e o pensamento souberam encontrar-se fecundamente. Nas suas catedrais e universidades, na sua literatura imortal, nas suas instituições jurídicas e no próprio ânimo do seu povo, permanece viva uma herança que deu forma a um modo de viver a liberdade, praticar a justiça e ordenar a vida comum.

Desde as páginas universais de *Dom Quixote*, onde Cervantes proclamou que «a liberdade [...] é um dos dons mais preciosos que os céus concederam aos homens» (*Dom Quixote de la Mancha*, II, 58), até à profundidade espiritual de santa Teresa de Ávila, e desde a grande tradição jurídica espanhola até à inquietação metafísica de Unamuno, que recordava que o homem «não se resigna a morrer de todo» (*Del sentimiento trágico de la vida*, I), Espanha soube olhar para o ser humano como algo mais do que uma peça da ordem social, económica ou política: reconheceu-o como criatura aberta à verdade, dotada de liberdade e movida por uma sede de eternidade que nenhuma realidade temporal consegue extinguir; numa palavra, como alguém cuja dignidade precede toda a utilidade e ao serviço de quem está sujeita a ação legislativa.

Por isso, ao falar hoje da pessoa humana, esta memória conduz naturalmente a Salamanca e ao pensamento que lá amadureceu. A presença simbólica nesta sala dos Reis Isabel e Fernando remete para aquele momento em que Espanha ficou colocada perante responsabilidades históricas de alcance universal; poucos anos depois, Salamanca haveria de assumir, com singular lucidez, a reflexão moral e jurídica que esse cenário exigia. Naquela sede universitária, há quinhentos anos, quando se abriam mundos novos e possibilidades imensas nas relações entre os povos, alguns mestres compreenderam que a razão não podia ser invocada para revestir de legitimidade o que a força ou o interesse apresentavam como conveniente. Introduziram assim no discernimento histórico a pergunta pelo valor irreduzível de todo o ser humano e os limites morais do poder. Há que reconhecer que a sociedade e a própria Igreja nem sempre estiveram à altura das intuições que encontravam eco na sua própria tradição cristã.

Todavia, aquele interrogante abriu um horizonte intelectual e moral que transbordou o seu próprio momento histórico. A intuição do *totus orbis*, de

uma comunidade humana mais ampla do que qualquer poder particular, permitia afirmar a existência de vínculos jurídicos e morais entre os povos. A partir de Espanha, a reflexão da Escola de Salamanca – e de modo particular frei Francisco de Vitória, juntamente com outros dominicanos e jesuítas – contribuiu para formar uma consciência jurídica e moral capaz de recordar que a autoridade traz sempre consigo uma responsabilidade e que todo o ser humano deve ser reconhecido como sujeito de direitos e deveres. Esse anseio continua a falar também hoje: que a dignidade, a justiça e o bem comum sejam a medida das relações sociais, tanto ao nível nacional como ao nível internacional.

Esta é uma das grandes heranças de Espanha: ter unido a ação histórica com a lucidez da razão moral. Aquele contributo, nascido às margens do Rio Tormes, transcendeu as aulas e as bibliotecas, e passou a fazer parte de uma ampliada consciência, partilhada pela comunidade internacional que continua a perguntar-se como construir a paz sobre o reconhecimento da pessoa e não sobre a imposição da força. Esse legado vive também nestas Cortes, cada vez que o legislador se pergunta como fazer com que o possível seja justo, que o legal seja verdadeiramente humano e que a vontade da maioria guarde aqueles bens que pertencem a todos e respeite aquilo que nenhuma maioria pode legitimamente lesar.

A pergunta salmantina continua a acompanhar a tarefa de quem serve a vida pública. Hoje, os novos mundos que se abrem diante de nós já não se desenham nos mapas: desdobram-se na técnica, na economia, na biomedicina e no universo digital, onde o poder humano alcança âmbitos cada vez mais delicados da vida pessoal e social.

O progresso oferece possibilidades admiráveis, e hoje vemo-lo de modo singular no desenvolvimento da inteligência artificial e das novas

tecnologias. Como recordei na minha recente Encíclica, a tecnologia em si mesma não é neutra porque toma o rosto de quem a concebe, a financia, a regula e a utiliza (cf. *Magnifica humanitas*, 9); por isso, perante as transformações do nosso tempo, o nosso discernimento deve centrar-se no lugar que ocupa a pessoa humana nas nossas decisões, e como se reflete hoje, de modo novo, sobre a dignidade do trabalho, a solidariedade, a política social e o bem comum.

Este discernimento começa por uma afirmação primeira: toda a sociedade autenticamente justa edifica-se sobre o reconhecimento da dignidade inviolável da pessoa humana. Tal dignidade precede qualquer concessão do Estado e não pode ficar subordinada a consensos sociais mutáveis ou à oscilação das maiorias de cada momento (cf. Bento XVI, *Discurso ao Parlamento Federal alemão*, 22 de setembro de 2011). Pertence a todo o ser humano pelo simples facto de existir, e por isso deve orientar todo o ordenamento jurídico positivo. A fé cristã proclama-a a partir da Revelação; a razão humana pode reconhecê-la como exigência inscrita na verdade do homem (cf. *ibid.*). Quando esta convicção permanece viva, o direito converte-se em amparo de todos e em garantia diante da imposição de interesses e agendas particulares.

Sobre este fundamento, compete-me pronunciar hoje uma palavra serena e firme perante quem tem a grave responsabilidade de ordenar juridicamente a convivência social. Esta convivência pode ver-se ameaçada pela cultura do descarté, como tantas vezes advertiu o Papa Francisco (cf. *Discurso à Assembleia Plenária da Pontifícia Academia para a Vida*, 27 de setembro de 2021). Neste sentido, se a vida deixar de ser reconhecida como um valor fundamental, que futuro podem ter as nossas sociedades? Pode chamar-se plenamente justa uma comunidade que deixa na sombra a criança ainda não nascida, o idoso, o doente, quem sofre em silêncio ou quem

depende inteiramente do cuidado dos outros? A defesa da vida humana não é uma questão parcial nem um interesse confessional: é uma meta de civilização. Toda a vida humana deve ser reconhecida e guardada desde a sua concepção até ao seu ocaso natural, em cada circunstância da sua existência. Quando esta certeza se obscurece, os mais vulneráveis são as primeiras vítimas e a lei perde o seu significado mais profundo: servir e proteger cada pessoa. Por isso, a grandeza moral de uma nação manifesta-se, acima de tudo, na sua capacidade de acompanhar, proteger e amar aquelas vidas que atravessam maior fragilidade.

O bem comum é, de certo modo, “a forma social da dignidade humana” (cf. *Magnifica humanitas*, 59). Não consiste na mera soma de interesses particulares, mas no «conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (*Gaudium et spes*, 26). Quando o bem comum deixa de ser horizonte partilhado, a ação pública corre o risco de se fragmentar em interesses parciais, incapazes de guardar aquilo que pertence a todos.

Neste contexto, reveste particular importância a família, realidade humana primeira e fundamento natural da comunidade. No lar entrelaçam-se as gerações e transmite-se uma memória viva que dá continuidade interior à sociedade. Lá onde a família é apoiada, fortalece-se também a estabilidade espiritual e social das nações. A família será sempre a primeira escola de humanidade onde se aprende, antes de qualquer outro lugar, a gramática elementar da convivência: receber a vida, cuidar do outro, perdoar, servir e pertencer.

Também as instituições educativas ocupam um lugar decisivo nesta tarefa. Nelas, as novas gerações podem aprender a buscar e a amar a verdade, a questionar-se sobre o sentido da vida e a dignidade de cada

pessoa. Por isso, muitos pais desejosos de que os seus filhos aprendam a relacionar-se, a pensar com espírito crítico e a adquirir valores sólidos, depositam nelas, como valiosas aliadas na sua educação, grandes esperanças. Esta colaboração há de respeitar sempre o «direito fundamental e inalienável» dos pais a «escolher o tipo de instrução e formação a transmitir aos filhos, em conformidade com as suas convicções morais, culturais e religiosas» (*Magnifica humanitas*, 143; cf. *Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos*, art. 18.4).

A afirmação da dignidade humana não pode permanecer abstrata quando tantas pessoas se veem obrigadas a deixar tudo para buscar paz, segurança e futuro. Também o trágico drama migratório interpela hoje a consciência das nações e o fundamento ético da ordem internacional. Numerosos homens, mulheres e crianças vêm-se obrigados, por circunstâncias muitas vezes dramáticas, a partir das suas comunidades e a deixar para trás entes queridos, histórias e vínculos. Esta realidade ultrapassa qualquer leitura puramente demográfica ou económica: constitui uma questão eminentemente moral e jurídica. Quando uma pessoa é discriminada pela sua origem nacional, étnica, religiosa ou linguística, ou pela sua condição económica ou social, viola-se gravemente o princípio universal da igual dignidade de todos os seres humanos.

A situação dos migrantes e refugiados exige uma resposta que olhe para as pessoas, que enfrente as causas que as obrigam a partir e que vá além da mera gestão de fluxos. Daí nasce uma dupla exigência de justiça social: oferecer vias seguras e legais, um acolhimento respeitoso e possibilidades reais de integração; e, ao mesmo tempo, promover o direito a permanecer na própria terra, trabalhando para que ninguém tenha de abandonar o seu lar por falta de paz, segurança ou condições dignas de vida, pelas

desigualdades económicas e os efeitos da crise climática (cf. *Magnifica humanitas*, 81).

Nos últimos anos, as rotas cada vez mais perigosas evidenciaram o altíssimo custo desta realidade, tantas vezes escondida ou ignorada. Muitas pessoas continuam a ser presas de traficantes e contrabandistas que se aproveitam do seu desespero. É necessário fortalecer a prevenção, o resgate e a assistência às vítimas, especialmente no âmbito de uma cooperação regional e multilateral.

Nenhuma nação pode enfrentar sozinha um desafio desta magnitude. Por isso, é indispensável uma resposta coordenada, solidária e eficaz, capaz de garantir proteção, acolhimento e oportunidades reais de integração a quem emigra. Quando a resposta institucional se torna próxima, justa e coordenada, as fronteiras deixam de ser lugares de abandono e podem converter-se em espaços de proteção responsável da dignidade humana.

Excelências:

O mundo atravessa uma profunda crise espiritual e cultural, que se manifesta em múltiplas formas de violência, polarização e desconfiança recíproca. Neste contexto, a paz apresenta-se como uma aspiração política e, mais ainda, como uma verdadeira exigência moral. Reclama uma palavra pública que respeite quem pensa de modo diferente, instituições postas ao serviço do encontro, uma memória histórica que busque a verdade e a reconciliação e uma vida social capaz de sustentar a amizade cívica e o respeito mútuo em meio à discrepância.

No plano internacional, a paz exige valentia diplomática, responsabilidade ética e uma visão de futuro fundada no respeito pela identidade de cada povo e na obrigação dos Estados de resolverem as suas controvérsias pelos caminhos pacíficos que o direito internacional oferece.

Toda a guerra constitui, em última instância, uma dolorosa derrota da capacidade de negociar e também daquela consciência comum da humanidade que reconhece vínculos de justiça entre as nações. As armas podem impor um silêncio temporário; mas nunca poderão edificar uma paz autêntica e duradoura.

Por isso, preocupa que, em diversos lugares do mundo, e também na Europa, volte a apresentar-se o rearmamento como resposta quase inevitável perante a fragilidade do cenário internacional. A verdadeira segurança, ao contrário, nasce da justiça, do diálogo paciente, do respeito pelo direito internacional e de uma política capaz de colocar a vida dos povos acima dos interesses que se beneficiam da guerra. Também o desenvolvimento das novas tecnologias e da inteligência artificial no âmbito militar exige uma vigilância ética rigorosa, para que as decisões sobre a vida e a morte nunca sejam descarregadas sobre automatismos nem subtraídas à responsabilidade moral da pessoa humana (cf. *Discurso na Universidade “La Sapienza”*, 14 de maio de 2026).

A comunidade internacional está chamada a redescobrir o valor indispensável do diálogo como caminho paciente para acordos justos e duradouros, fundados no respeito pelos tratados, na transparência da ação diplomática e na vontade sincera de antepor a paz ao recurso à força. Daí nascem a confiança e a esperança.

Como recorda o lema da União Europeia, *In varietate concordia*, a verdadeira unidade não uniformiza, mas gera coesão na diversidade, fazendo das culturas, sensibilidades e tradições uma ocasião de enriquecimento mútuo.

Do mesmo modo, dentro das próprias sociedades é urgente construir uma cultura da reciprocidade. A pluralidade política não deveria degenerar

em desqualificação permanente do adversário. Numa convivência madura, até o conflito pode converter-se em caminho para a paz, quando as diferenças se deixam mitigar pela escuta e se ordenam ao reconhecimento das necessidades, dos anseios e das capacidades de todos.

Mas a paz não é somente uma realidade política ou institucional. Nasce também na consciência, no momento em que o rancor, a indiferença e o ódio cedem espaço à reconciliação. Por isso, instaura-se e protege-se também através da linguagem. As palavras podem abrir caminhos ou fechá-los; podem iluminar a realidade ou deformá-la até tornar impossível o encontro. Quem exerce uma responsabilidade pública tem, por isso, uma especial obrigação de salvaguardar a palavra para «desarmar a linguagem» (*Mensagem para a Quaresma de 2026*, 13 de fevereiro de 2026). A firmeza não exige desprezo; a discrepância não implica humilhação.

Deste respeito pelo outro nasce também o dever de guardar o espaço onde amadurecem as suas convicções, a sua consciência e a sua relação com Deus. A atenção a esse âmbito interior permite compreender melhor uma questão decisiva para toda a sociedade verdadeiramente democrática: a liberdade de pensamento, de consciência e de religião, direito fundamental que tutela o âmago mais íntimo das pessoas. A liberdade sobre a qual se edifica o Estado contemporâneo, se for autêntica, reconhece a dimensão religiosa do ser humano, respeita-a e tutela-a juridicamente; e evita que alguém tenha de renunciar a contribuir para a sociedade em que vive por causa da sua fé.

Sem confundir o plano jurídico com o moral, convém recordar também que a liberdade necessita de uma compreensão plena de si mesma. Ser livre não significa apenas estar livre de coações ou dispor de muitas possibilidades de escolha; significa poder reconhecer o bem e aderir a ele

responsavelmente. Por isso, toda a sociedade efetivamente livre requer também uma justa delimitação do poder público, de modo a que a liberdade das pessoas, das comunidades e das associações não seja indevidamente restringida (cf. *Dignitatis humanae*, 1). Nesta perspectiva, a legítima autonomia da ordem temporal nunca deve ser interpretada como hostilidade perante o fenómeno religioso. A fé não pretende impor-se mediante privilégios nem coerções; todavia, também não pode ser relegada ao silêncio como se fosse irrelevante para a vida pública.

Neste contexto, o sigilo sacramental da confissão reveste uma importância especial para a Igreja católica. Insere-se no âmbito mais amplo da liberdade religiosa, que garante às comunidades crentes um espaço próprio de vida, organização e disciplina interna (cf. Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa, *Ata Final de Helsínquia*, 1 de agosto de 1975, Princípio VII). Tutelá-lo juridicamente, como acontece de modo análogo em algumas profissões, significa preservar um espaço sagrado de liberdade interior, onde o fiel pode abrir a sua alma perante Deus sem temor a pressões externas, como reconhecem também as normas internacionais (cf. Tribunal Penal Internacional, *Regras de Processo e Prova*, Regra 73.3).

Senhoras e Senhores:

Permitam-me deter-me um instante em algumas imagens que adornam esta Câmara. Neste Salão de Sessões, a luz natural entra pelo lanternim que coroa a sala. Essa luz que vem do alto pode recordar que também a política necessita de reconhecer uma medida que a precede e a supera.

Também as pinturas que evocam, na parte superior da parede principal, a receção do Evangelho e do Decálogo recordam algo essencial. Sem confundir a ordem política com a religiosa, esses sinais convidam a reconhecer que a liberdade moderna foi preparada também por uma longa

educação da consciência, profundamente marcada pela tradição cristã. Nessa escola interior, os povos aprenderam que o direito deve servir o bem, que a justiça impõe limites à força, que o poder necessita de legitimidade, que os pobres pertencem plenamente à comunidade, que o estrangeiro deve ser acolhido de acordo com a sua dignidade e que a vida humana nunca pode ser tratada como mercadoria.

Uma lei não alcança a sua verdadeira grandeza pelo mero facto de ter sido formalmente aprovada; alcança-a quando, além de ser válida na sua forma, pode comparecer perante a dignidade da pessoa e sair desse exame sem se envergonhar.

Convido-vos, pois, a elevar o olhar: não para vos afastar da realidade, mas para recordar que toda a decisão das autoridades públicas toca pessoas de carne e osso, especialmente quem tem menos força para se fazer ouvir. Porque a elevação do olhar consiste precisamente em ver com mais profundidade aquilo que está em jogo em cada decisão pública. Por isso, a par das respostas técnicas e das reformas legais, é necessária também uma renovação moral.

Espanha pode oferecer muito neste caminho. Conta com uma língua que une continentes; uma tradição cultural, jurídica e espiritual que soube colocar em diálogo a fé e a razão, o direito e a consciência, a unidade e a pluralidade. Esta experiência histórica recorda também o valor da concórdia e do esforço paciente por construir uma convivência pacífica e justa.

Que esta nobre nação nunca perca a memória das suas raízes nem a audácia de olhar para o futuro. Que Espanha continue a ser terra de encontro, de cultura, de solidariedade e de esperança. E que a sua vida pública saiba unir sempre a firmeza das convicções com a nobreza do diálogo e a grandeza do serviço.

Que Deus conceda paz a todas as nações da terra, concórdia às famílias e serenidade às consciências. E que, sobre o Reino de Espanha, marcado pela marca apostólica de Santiago e pela presença maternal da Virgem do Pilar, desçam dias de prosperidade, justiça e paz duradoura. Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM OS BISPOS DE ESPANHA

## SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE

*Sede da Conferência Episcopal (Madrid)*

*Segunda-feira, 8 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos no Episcopado:*

É com grande alegria que me apresento a vós neste terceiro dia da minha Viagem Apostólica à Espanha. Depois de saudar os representantes políticos que me receberam no Parlamento, gostaria agora de aproveitar estes momentos em que estamos juntos para reavivar a comunhão, tal como Jesus aconselhava aos seus apóstolos (cf. *Mc 6, 31*). Agradeço a D. Luis Javier Argüello García pelas amáveis palavras que, na qualidade de Presidente da Conferência e em nome de todos, me dirigiu; espero que as minhas possam contribuir para esse diálogo no Espírito, que implica acolher tudo o que de bom o Senhor nos diz através do irmão. O caminho sinodal empreendido pela Igreja é um processo de escuta profunda. Ser capaz de reconhecer a voz de Deus que fala através da comunidade eclesial é um dos seus valores fundamentais.

É um diálogo fecundo que, como Igreja, ides definindo de diferentes maneiras. Uma forma concreta, que podemos evocar, é a dos congressos que estais a realizar. Detenho-me nos celebrados em 2020 e 2025, que tiveram uma repercussão especial: “*Povo de Deus em saída*” e “*Para quem sou eu? Assembleia dos chamados para a missão*”. Os seus temas incidem

nas questões essenciais: Como se podem enfrentar os desafios atuais, e quem está chamado a acolher este desafio?

No meu contributo para esta reflexão, ocorreu-me propor-vos a imagem de uma viagem cujo destino é Deus, para quem *elevamos o nosso olhar*. É uma viagem *sui generis* – pois, na verdade, não nos deslocamos materialmente – na qual, porém, queremos deixar o nosso coração voar.

Uma tentação nas viagens é a de nos obcecarmos com o que deixamos para trás, os lugares, as coisas, as formas, sem nos abirmos, em docilidade ao Espírito, à novidade do que encontramos. A esta tentação junta-se a da bagagem, que, por razões semelhantes, enchemos de coisas inúteis que acabam por ser um fardo. Por outro lado, também não convém esquecer algo que aprendemos com as vicissitudes de tantos emigrantes: uma pessoa sozinha, sem raízes e sem recursos, é alguém que sofre terrivelmente e que só com grande dificuldade consegue estabelecer laços sólidos no lugar aonde chega.

Assim, nesta primeira fase da nossa jornada, a nossa resposta à pergunta sobre como podemos enfrentar este desafio que nos propusemos deve conjugar prudentemente a liberdade e a coragem de deixar para trás estruturas que não nos ajudam, não respondem ao nosso objetivo ou até nos afastam dele, com a força de conservar como um tesouro aquilo que o facilita. Como não recordar aqui o imenso património cristão da vossa terra, a enorme capacidade de atração que essa riqueza nos proporciona: com a sua beleza, que chega até ao descrente, ou com os laços de pertença que soube tecer na identidade espiritual de cada recanto deste amado povo, e que permanece presente mesmo nos momentos em que a sua fé vacila. Um enorme desafio, certamente, ao qual somos chamados a responder com coragem, para que este património produza os frutos de que é capaz.

Outro tesouro que não podemos esquecer na nossa alforja é o Viático do peregrino. O Pão da Palavra e da Eucaristia são-nos ainda mais necessários do que o alimento material, porque nos abrem o caminho da salvação. Não se trata de tornar a celebração mais ou menos atraente, mas sim de sentir que, se fazemos parte d'Ele, a sua ausência nos causa uma inquietação que podemos comparar com a fome material. A vida sacramental vai ritmando a nossa existência como a de uma criança que recebe o alimento da sua mãe, como a de um desportista que vai medindo as forças necessárias para chegar à meta.

Por outro lado, algo que costuma custar-nos muito quando viajamos é comunicar com o outro. Seja devido à língua e cultura diferentes, seja pela desconfiança em relação ao desconhecido, seja pelas desavenças e incompreensões que podem surgir mesmo entre pessoas próximas, sentimo-nos limitados na hora de nos expressarmos ou de compreender o nosso interlocutor. É uma experiência que podemos aplicar ao anúncio do Evangelho, ao acolhimento do outro, à capacidade de responder aos questionamentos do mundo que nos rodeia ou à necessidade de ativar a corresponsabilidade dos membros da comunidade nas nossas ações pastorais. Se antes dissemos que devemos abandonar tudo o que nos freia e afasta, agora o lema deve ser que o nosso património seja sempre instrumento e oportunidade de diálogo com aqueles que encontramos no nosso caminho.

Como acontece aos peregrinos do Caminho de Santiago, na nossa viagem podemos deparar-nos com aquelas imensas planícies castelhanas, que aos nossos olhos parecem desertas. Os poucos encontros destes peregrinos com alguns idosos ou com trabalhadores estrangeiros podem ser uma metáfora de muitas situações sociais que, infelizmente, se observam em algumas das vossas realidades eclesiais. Não é a primeira vez que a

Espanha enfrenta uma situação semelhante: no passado, por exemplo, quando a Igreja teve de reconstruir a sua presença nas “faixas de terra queimada”, surgiram modelos de evangelização que mais tarde foram exportados para a América e que podem ajudar-nos aqui na nossa missão.

Tal como naquela época, somos chamados a construir uma nova realidade, através do diálogo respeitoso e do uso de novas linguagens, tal como fez o famoso santo alfaqui de Granada, Frei Hernando de Talavera, e mais tarde repetiu na América São Turíbio de Mogrovejo, de quem estamos a celebrar o terceiro centenário da canonização, apresentando-o precisamente como modelo de bispo em saída num tempo de missão e reorganização eclesial. Embora as linguagens nesta era digital sejam diferentes e as culturas que agora compõem o mosaico das nossas realidades, com migrantes de todas as partes do mundo, também tenham mudado, o espírito deve permanecer.

Quais são os pontos essenciais desse espírito? O primeiro está relacionado com a capacidade de comunicar, de dialogar com cada realidade presente no nosso território, de nos abaixarmos não só para compreender, mas para partilhar. Só com base na partilha de tudo o que há de bom no próprio património, contribuindo cada um com o seu grão de areia, poderemos construir uma nova realidade na qual a fé possa criar raízes profundas. Para isso, logicamente, é preciso começar por aprender a língua do outro, iniciar processos e ir tecendo laços onde se possa plantar a semente do Reino. O segundo passo é o apelo a criar realidades capazes, elas próprias, de comunicar a experiência de fé. Capazes de levar – como fê-lo Turíbio – a experiência de Granada para a América, ou seja, de guardar na nossa bagagem os recursos que nos permitam enfrentar com franqueza os desafios sempre novos da evangelização em cada circunstância.

Depois das planícies desertas, encontraremos também grandes cidades, nas quais o silêncio e o afastamento não são espaciais, mas íntimos. As respostas serão diferentes, mas os processos para chegar até elas, análogos: escuta, compreensão, respeito, generosidade e franqueza.

Os peregrinos costumam partir à noite e, muitas vezes, essa escuridão inicial do caminho pode assustá-los. Poderíamos evocar o hino das vésperas, “*La noche es tiempo de salvación*” (A noite é tempo de salvação), para dizer que, se formos em boa companhia, as dificuldades da caminhada e o perigo de nos perdermos reduzem-se. É o Senhor quem nos conduz, Ele é o dono da história e de cada uma das nossas histórias, Ele determina os tempos. Nós caminhamos atrás d’Ele, mais ainda, caminhamos com Ele como membros de um único corpo. Este vínculo profundo exige da Igreja, neste tempo de polarizações e oposições cada vez mais duras, um testemunho de unidade na pluralidade: uma comunhão capaz de acolher a riqueza dos dons, dos carismas, das sensibilidades que o Espírito Santo suscita no Povo de Deus. A imagem de Cristo deixa-se reconhecer no mosaico vivo da Igreja, onde muitas tesselas, sem se confundirem, convergem para manifestar a beleza do único Senhor.

Nesta tarefa, o ministério do bispo assume uma responsabilidade peculiar. Somos chamados a ser princípio visível de comunhão. Em primeiro lugar, da comunhão com Cristo, salvaguardando com amor a fé recebida, na docilidade à Palavra de Deus e à Tradição viva da Igreja; depois, na comunhão com o Sucessor de Pedro e com a Igreja universal, com o presbitério e com a própria comunidade diocesana, com a vida consagrada, com os movimentos, com as associações e com cada carisma autêntico que o Espírito concede para a edificação comum. A vossa missão vos exige manter a unidade, promover o diálogo, sanar as fraturas e acompanhar o caminho do povo confiado aos vossos cuidados.

A comunhão vivida desta forma possui também uma força missionária. Uma Igreja reconciliada no seu interior pode falar com maior liberdade aos irmãos de outras confissões cristãs e de outras religiões, aos que não acreditam, às autoridades civis e a todos os homens de boa vontade que trabalham pelo bem comum.

Este apelo a sermos sinal de comunhão em Cristo, caminhando em unidade e estendendo a mão ao irmão que encontramos, coloca-nos perante outro desafio que hoje toca o coração de muitos: a dificuldade de assumir compromissos definitivos e de tomar decisões vitais profundas. Em tantos jovens, e não só neles, a pergunta “Para quem sou eu?” ressoa como uma busca sincera de sentido, de pertença e de dom. O coração humano não se enche acumulando experiências, possibilidades ou certezas provisórias; enche-se quando descobre um chamamento, quando compreende que a vida só atinge a plenitude se for doada.

Por isso, a pastoral vocacional não pode reduzir-se a uma simples busca de números. Esta nasce de comunidades vivas, de sacerdotes felizes, de famílias capazes de testemunhar a beleza da fidelidade, de uma Igreja que sabe mostrar com simplicidade que seguir Cristo não empobrece a existência, mas sim a amplia. Onde o Evangelho é vivido com alegria, serviço e comunhão, também o chamamento do Senhor pode ser novamente ouvido como promessa de vida.

Já falámos anteriormente sobre bagagens pesadas, e os peregrinos do Caminho de Santiago sabem bem que na mochila só se deve levar o essencial. Tal como o Papa Francisco propôs em repetidas ocasiões, no atual contexto vocacional, é necessário afirmar que a preservação das estruturas não pode prevalecer sobre o bem da vocação. Os seminaristas têm direito à melhor formação possível e a Igreja, por seu lado, tem direito

a sacerdotes bem formados. O critério para que os seminários sejam autênticas casas de formação é que garantam uma experiência adequada de vida comunitária; que tenham formadores totalmente dedicados ao estudo e ao ensino, com experiência no acompanhamento espiritual; e que contem com Centros Superiores de Teologia dotados dos meios necessários para desempenhar a sua função. Para tal, é imprescindível, além de unir forças, aprender a trabalhar em conjunto na gestão destes desafios.

Neste terreno, as dificuldades podem ser vividas como oportunidades. Por vezes, resulta-nos difícil apresentar a vocação dos leigos e a sua integração nesta jornada de vida que, como Igreja, estamos a realizar. Por outro lado, vemos como em muitas obras, tradicionalmente geridas por religiosos, se recorre a colaboradores leigos para que se possa continuar a realizar a tarefa. É uma dificuldade que podemos transformar em oportunidade de encontro, de diálogo e de comunicação. Depende de nós que estes leigos cheguem a perceber a sua participação neste serviço eclesial como um apelo que Deus lhes faz para assumirem a sua responsabilidade como cristãos, interiorizando o espírito, sentindo-se parte da missão confiada pelo Senhor aos religiosos que a puseram em prática.

Como vedes, a nossa viagem é feita de encontros, nos quais não faltarão aqueles que vivem momentos de escuridão e nos pedem que nos tornemos samaritanos para eles. Um dos mais dolorosos é o encontro com aqueles que foram feridos precisamente por quem deveria cuidar deles, inclusive por membros do clero. Perante esta praga, a comunidade eclesial é chamada a responder com a escuta, a verdade, a justiça, a reparação e um compromisso cada vez mais decidido na prevenção e na cultura do cuidado. Cada pessoa ferida deve poder encontrar escuta sincera, acolhimento, proteção e caminhos reais de cura.

Esta mesma lógica aplica-se também aos desafios dum mundo secularizado. Muitos homens e mulheres do nosso tempo não rejeitam simplesmente Deus; muitas vezes, carregam no coração uma profunda sede de sentido, de verdade, de pertença e de esperança, mesmo quando não sabem dar-lhe um nome. A Igreja é chamada a reconhecer estes anseios, a ouvi-los com respeito e a oferecer, como Pedro e João ao paralítico junto à porta do templo, o tesouro que lhe foi confiado: Jesus Cristo, em cujo nome o homem pode levantar-se e caminhar (cf. *At* 3, 1-10). Também quando colabora com outras instituições, religiosas ou civis, mesmo quando oferece ajuda material, educação, assistência ou promoção humana, a Igreja nunca deixa de oferecer o que lhe é próprio: o amor de Deus revelado em Cristo. Essa mensagem penetra na sociedade, que não hesita em manifestar o seu apreço por muitas destas obras. Assim, cada gesto de caridade cristã que nasce do Evangelho traz em si uma promessa ainda maior: devolver à pessoa a convicção de ser amada.

Na nossa viagem percorremos aquela que São João Paulo II quis chamar de «Terra de Maria»[1]. Na Santíssima Virgem tendes a vossa primeira companheira de caminho e o vosso principal tesouro, pois ela mostra-nos com a sua vida como acolher a Palavra e guardá-la no coração, como acompanhar neste itinerário os discípulos e permanecer presente no caminho da Igreja como mãe de comunhão e de esperança. A ela confio o vosso ministério, para que vos ajude a ser, no meio do povo que vos foi confiado, aquele fermento escondido de que fala o Evangelho. Pequeno aos olhos do mundo, mas capaz, quando permanece unido a Cristo, de fazer fermentar a massa (cf. *Mt* 13, 33). A força da Igreja não nasce da grandeza dos meios, mas da santidade dos seus filhos, da comunhão dos seus pastores, da fidelidade humilde e perseverante de quem se deixa guiar pelo Espírito.

Neste caminho acompanha-vos também – na comemoração do quinto centenário da sua ordenação sacerdotal – São João de Ávila, padroeiro do clero espanhol. São Paulo VI definiu-o como «um mestre de vida espiritual, pródigo e sábio, um renovador exemplar da vida eclesial e dos costumes cristãos» e, ao mesmo tempo, «um simples sacerdote»[2]. Neste santo doutor, a Igreja reconhece a vida sacerdotal que cada bispo é chamado a custodiar e a fazer crescer no próprio presbitério.

Olhando para ele, penso naqueles que são os companheiros mais próximos dos bispos nesta viagem, nesses “simples sacerdotes”, no sentido mais elevado e mais exigente do termo. O nosso caminhar com eles deve transmitir o valor dessa essência: ser presbíteros apaixonados por Cristo, enraizados na oração, fiéis à Igreja, próximos do povo e capazes de unir doutrina sólida, zelo apostólico e caridade pastoral. Presbíteros que encontrem no bispo não apenas uma autoridade reconhecida, mas um pai que os acompanha; e nos outros presbíteros, irmãos com quem partilhar as fadigas e as alegrias desta peregrinação cheia de encontros, na qual todos procuramos Cristo.

Concluamos esta viagem espiritual com uma oração do santo doutor que nos recorda que toda a renovação eclesial nasce de um coração configurado com Cristo: «Se me mandais, Senhor, fazer o que Vós fizestes, dai-me o vosso coração» (*Sermão 57, 20*). Que esta seja também a nossa súplica: Senhor, dai-nos o vosso coração, um coração capaz de erguer o olhar para Vós, de se pôr a caminho, de ouvir, de discernir, de servir, de corrigir com caridade, de atender com paciência e de anunciar com alegria. Porque a Igreja que recebe o coração de Cristo leva consigo a coluna de fogo que a guia, a sustenta, a defende e a conforta; a bagagem necessária para enfrentar qualquer desafio.

Que Deus vos abençoe. Muito obrigado.

[1] *Homilia na celebração da Palavra e na Cerimónia Mariana Nacional*, Saragoça, 6 de novembro de 1982, 1.

[2] *Homilia na canonização do Beato João de Ávila*, 31 de maio de 1970.

**[Voltar ao índice](#)**

# **ORAÇÃO E HOMENAGEM À VIRGEM DE ALMUDENA**

## ***SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE***

*Catedral de Santa Maria a Real de Almudena (Madrid) Segunda-feira, 8 de  
Junho de 2026*

Agradeço a Sua Eminência, o Arcebispo de Madrid, pelas palavras que me dirigiu. Saúdo com afeto todos vós, irmãos e irmãs, que vos unis hoje, com alegria e fervor, à homenagem a Nossa Senhora da Almudena, Mãe e Protetora desta Arquidiocese, durante a qual colocarei aos seus pés a rosa de ouro, símbolo do amor filial do Papa à Virgem Maria.

São numerosas as gerações de madrilenos que, ao longo dos séculos, veneraram esta imagem de Santa Maria que leva o seu Filho divino nos braços e no-lo apresenta. Conta a tradição que, em tempos difíceis para a comunidade cristã, para proteger a imagem da Virgem, a esconderam num recanto da muralha da Cidadela, onde permaneceu oculta durante muito tempo, até que, após o milagroso desabamento de uma parte das muralhas, foi encontrada intacta.

Esta devoção mariana milenar, tão sentida por vós todos, é um sinal das raízes cristãs que vos caracterizam e vos dão vida, mas também da grande esperança que continua a animar-vos a seguir em frente. Foi graças a uma muralha derrubada que se concretizou o reencontro da Mãe com o seu povo. E isto é providencial, porque indica o caminho que Jesus, através da sua Santíssima Mãe, nos convida a percorrer. Num primeiro momento, uma

muralha que cai provoca ruído, caos, desordem; mas também abre espaços, restaura possibilidades e impulsiona recomeços. Nas nossas sociedades atuais ainda continuam a existir muitas muralhas que não protegem, mas dividem, afastam e isolam. E, por vezes, ao pensar que derrubá-las implica ter de enfrentar aquilo de que não gostamos, preferimos o conforto de apenas as reforçar e, mais frequentemente, de as ignorar.

No entanto, Nossa Senhora da Almudena, com a sua presença e a segurança da sua proteção, diz-nos outra coisa: para construir algo novo, belo e duradouro, é preciso estar disposto a destruir os muros, porque, para retomar o caminho, são necessários espaços que nos permitam vislumbrar o horizonte.

Convencidos de que o Senhor caminha com o seu Povo santo, escuta os seus receios e acolhe com solicitude todos os seus esforços pelo bem, exorto-vos a não desfalecer no vosso testemunho: de fé, para contemplardes o desígnio de amor do Pai; de caridade, para vos unirdes como uma única família de irmãos e irmãs; e de esperança, para vos sustentardes na vossa ação no mundo. E que, com o exemplo e a intercessão de Santa Maria a Real da Almudena – a Virgem do Magnificat que continua a proclamar a grandeza do Senhor e a exultar em Deus, seu Salvador –, Ele guarde e fortaleça o vosso amor a Jesus e à Igreja, para que possais ser construtores de laços que restaurem a linguagem universal da comunhão, do amor fraterno e da concórdia.

Fazendo minhas algumas palavras do hino a ela dedicado, confio-vos ao poderoso auxílio do seu amor maternal: *Santa Maria da Almudena,*

*Virgem e Mãe do Redentor,*

*Rainha do Céu, Mãe de Amor,*

*sob o vosso manto, Virgem humilde,  
buscam os vossos filhos proteção,  
Mãe amorosa, Templo de Deus,  
protegei-nos, Senhora, e ajudai-nos a ser construtores de paz e  
reconciliação.*

*Ámen.*

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM A COMUNIDADE DIOCESANA DE MADRID

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Estádio Santiago Bernabéu (Madrid)*

*Segunda-feira, 8 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos, queridas irmãs: boa tarde!*

Suponho que, para um futebolista, fazer um golo neste estádio é algo que deixa uma marca na sua vida. Hoje, porém, Dom José, a Igreja de Madrid marcou um goloço para sempre! Obrigado!

Esta noite é um grande hino de fé e é com prazer que uno a minha voz à vossa para louvar a Deus e fortalecer os laços de uma família eclesial tão bela que está a aprender a arte da polifonia, ou seja, da unidade na diversidade. Agradeço ao vosso Arcebispo, Dom José, por ter introduzido a parábola do canto, que mostra como os números, os dados e os eventos não são suficientes para criar comunidade: o nosso coração precisa de cantar, ou seja, interpretar os acontecimentos e as situações, celebrando com os outros o sentido que eles irradiam. Para a Igreja, isto acontece de forma singular na liturgia, o grande Memorial da história que nos salvou.

Cantar é uma necessidade que impregna a convivência e interpela a cultura, incitando-a a permanecer aberta e em constante evolução. Vós sois a Igreja diocesana no seio de um povo que ama a música, a dança e o estar juntos, mas que também conhece os conflitos, a resignação e, por vezes, o desespero, situações em que o Evangelho pode abrir um caminho para a

esperança. Vós testemunhais o Evangelho na capital de um grande país europeu, sede de instituições e organizações onde se tomam decisões importantes para o presente e o futuro, mas também destino de milhões de visitantes e de irmãos e irmãs em busca de novas oportunidades. A vossa alegria será contagiante se deixar de ser uma emoção passageira, para se tornar um modo estável de ser, um sentimento profundo que renova as pessoas, os grupos e a comunidade diocesana. Não é por acaso que os apóstolos, nos seus escritos, frequentemente convidem as igrejas à alegria, recomendando-a quase como um mandamento. É a *Evangelii gaudium* (a alegria do Evangelho), uma resposta coral à obra de Deus em Jesus Cristo: a sua vida, morte e ressurreição mudaram para sempre, naqueles que O encontraram e seguiram, a percepção da história, ainda que de formas e por caminhos diferentes. Também hoje o amor de Cristo nos impele (cf. 2 Cor 5, 14) – o verbo que São Paulo utiliza significa, além disso, “nos cativa”, “nos mantém unidos”, “nos possui” – e assim nos chama à responsabilidade da ação.

Sim, queridos irmãos e irmãs, como alguns de vós testemunharam esta tarde, o Batismo transforma verdadeiramente a vida. As nossas sensibilidades, origens e prioridades encontram-se em Cristo e recebem dele a seiva, como os ramos da videira. Concretamente, isto significa que muito do que já havia em nós se transforma, porque se orienta para o serviço, deixa de ser um dom privado e serve o bem comum. Não há que temer a realidade de isso nunca produzir uniformidade. A este respeito, o Novo Testamento dá testemunho, na variedade das suas vozes, da comunhão na diversidade, ou seja, da compreensão, que havia desaparecido em Babel, onde todos – obrigados a um projeto totalitário e meramente humano, segundo o relato bíblico – acabaram por não compreender o seu próximo.

Na Encíclica *Magnifica humanitas*, propus, como alternativa à homogeneização e à confusão, a figura de Neemias, que envolve toda a comunidade na reconstrução dos muros de Jerusalém. «Reconstruir hoje significa reconhecer, na pluralidade de vozes e visões que por vezes lembra a dispersão das línguas, a existência duma possibilidade luminosa: a de edificar juntos, transformando a diversidade num recurso e fazendo da escuta e do diálogo o terreno comum no qual crescem a justiça e a fraternidade. No âmbito desta obra partilhada, os cristãos encontram a sua forma específica de construir: orientar a ação para Deus, de modo que, à sua luz, o pluralismo não se disperse na desordem, mas, pela prática da sinodalidade, se torne o lugar onde a humanidade reencontra os seus sólidos alicerces e o seu fim último» (*Magnifica humanitas*, 10).

Existe, portanto, uma relação especial entre a Igreja e a cidade, que assume ainda maior importância na mudança de época que estamos a viver: uma relação que se concretiza naturalmente entre pessoas de carne e osso, nas relações laborais e de proximidade, mas também nas diversas comunidades, associações e entidades de bairro. Tornar-se-á cada vez mais evidente a especificidade da missão cristã no seio das grandes realidades urbanas, onde «uma cultura inédita palpita e está em elaboração» (*Evangelii gaudium*, 73). A clareza sobre este ponto amadureceu muito ao longo do caminho sinodal, o que nos permitiu conhecer-nos e ouvir-nos com maior profundidade nos contextos em que a comunidade diocesana vive e se configura. A questão que se torna mais importante é: aquilo que somos e fazemos como cristãos chega «aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas», ou seja, aos «núcleos mais profundos da alma das cidades» (*ibid.* 74)? É certo que dar uma resposta pode ser difícil, mas é possível se buscarmos juntos a verdade.

Por isso é tão importante não nos dispersarmos nem nos fecharmos cada um no grupo ou no ambiente em que já nos sentimos seguros, entre pessoas que cantam sempre a mesma melodia. Para chegar ao coração da cidade, é preciso cultivar a consciência de que a verdade é sinfônica e sempre nos ultrapassa, e cultivar o desejo de encontrar o Ressuscitado, que vai sempre à nossa frente, nos precede e talvez já esteja presente onde ainda não O procurámos. Por isso, procurá-Lo e segui-Lo é a condição para O indicar: caso contrário, não há evangelização, e podemos compreender isto melhor hoje do que no passado. Nas grandes cidades, mais do que noutros lugares, parece-nos por vezes já não termos os mapas para orientarmo-nos com segurança. Por isso, é preciso reaprender a arte espiritual de ser cordiais, sem a qual até mesmo o anúncio do Evangelho corre o risco de se tornar uma repetição impessoal e, ao perder eficácia, abrir espaço à frustração e à desconfiança.

Queridos irmãos, Madrid é uma grande cidade onde convivem tradições e “almas” diferentes. Deus conhece, um a um, os corações dos seus habitantes. Conhece-os como só Ele sabe e pode fazê-lo, isto é, no amor e, portanto, na liberdade. Ele é misericórdia infinita e deseja que todos se salvem. Deseja-o ao ponto de se fazer carne e carregar sobre si todo o pecado, o mal e o que há de negativo no mundo. E aqui está Jesus Cristo! Eis a Boa Nova, a graça que recebemos e que somos chamados a partilhar com todos! Porque todos, sem exceção, são feitos para a vida e para a vida em plenitude. A presença da Igreja numa grande cidade é uma parábola deste mistério da salvação. Vem-me à mente o livro de Jonas, uma joia da Bíblia que vos convido a ler ou a reler, pessoalmente e em comunidade. Não é por acaso que foi precisamente nas cidades que os apóstolos implantaram a Igreja nascente, encontrando não só rejeição, mas também

acolhimento onde, de forma mais natural, as pessoas se deparam com a diversidade e a mudança.

Nada vos perturbe, nada vos assuste! Juntos, como Igreja diocesana, podeis oferecer o testemunho evangélico que liberta as melhores forças de uma humanidade bombardeada de imagens e palavras, mas faminta de justiça e sedenta de verdade. Tende confiança no que é cada vez mais evidente: que se pode regressar à fé ou conhecê-la pela primeira vez na idade adulta. Preparai-vos para acolher os novos começos não como uma exceção, mas como a regra da missão. O investimento nos conselhos paroquiais e diocesanos não tem outro objetivo senão este: modificar a sensibilidade de cada um graças a uma escuta mais profunda do que o Espírito diz à Igreja. Seria uma pena reduzi-los a meros trâmites burocráticos. São espaços de escuta recíproca para o exercício do discernimento, sem o qual não só cada um segue o seu caminho, mas corremos o risco de não compreender onde o Senhor nos quer, o que espera de nós, a que conversões nos chama. Quando prestamos atenção a estes espaços, então o culto transforma-se em vida e entre as pessoas surgem laços de fraternidade e projetos de solidariedade.

Convido os sacerdotes a reconhecerem a prática do discernimento comunitário como uma das maiores oportunidades que a sinodalidade oferece ao seu ministério. Queridos irmãos, sem vos afastardes do essencial, deter-vos regularmente com o vosso povo para interpretar a vida dos bairros, as mudanças culturais, as tensões sociais e as práticas eclesiais à luz do Evangelho, enriquecerá e consolará o vosso ministério. Ajudará também cada pessoa e cada comunidade a sair do isolamento e a experimentar a alegria do Espírito Santo. Com efeito, quando reduzimos a vida eclesial a uma rotina em que cada um permanece fechado nos seus hábitos e no seu papel, o que nos falta é o Espírito. Este suscita vocações e une-as,

provocando por vezes agitação, discussão, busca de novos equilíbrios. Não vos assusteis com tudo isto, desfrutai-o.

As histórias que ouvimos esta noite contam-nos, ou melhor, “cantam-nos”, quanta vida há nesta Igreja. Alguém deu o seguinte testemunho: “Posso dizer sem hesitar que amo profundamente a Igreja, família de Deus, onde todos temos um lugar”. Outro disse: “Senti uma grande alegria e responsabilidade ao tornar-me um membro mais ativo da comunidade e ao partilhar os meus dons com o resto dos membros da Igreja”. E ainda outros disseram: “Para nós, servir nestes programas não é apenas uma forma de ajudar, mas também uma maneira de retribuir todo o carinho e apoio que recebemos”. Eis a Igreja, queridos irmãos e irmãs! Eis a música do Evangelho, com o seu ritmo contagiante. Quando chega ao coração, faz alguém dizer que se sentiu acolhido de braços abertos, como a irmã que veio do Peru para Madrid. Muitos, como ela e a sua família, no início sentem receio de se aproximar, pois ouviram falar de preconceitos e desilusões. A bondade, mesmo que seja de poucos, pode vencer o medo de muitos. Sede, para todos, como uma Bíblia aberta: que nos vossos rostos e na vossa vida se possa encontrar a Palavra de Deus. O amor é, efetivamente, a linguagem que faz com que todos se sintam em casa. Muito obrigado.

Rezemos juntos, com as palavras que Jesus nos ensinou.

[*Pai-nosso*]

[*Bênção*]

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM OS VOLUNTÁRIOS

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Pavilhão 3 da IFEMA Madrid Terça-feira, 9 de Junho de 2026*

*Eminência, Dom José,*

*Queridos irmãos e irmãs, bom dia!*

Este encontro é o último da etapa madrilenha da minha viagem apostólica, mas estou muito feliz que seja convosco, voluntários e voluntárias. Cada um de vós, e muitos outros que não puderam estar aqui nesta manhã, mereceis um “obrigado” muito especial, porque oferecestes a vossa presença, o vosso serviço, e o fizestes por amor ao Senhor, à Igreja e ao Papa. Obrigado de todo o coração!

Agradeço aos dois “porta-vozes” que nos ofereceram os seus testemunhos e a quem realizou o vídeo e a atuação musical.

Fiquei a saber que, desde o início, a vossa resposta ao apelo foi entusiástica: em poucos dias foram ultrapassados os números solicitados e, assim, as necessidades ficaram amplamente cobertas. Tirastes dias de folga do trabalho, alguns de vós vos dedicastes a tempo inteiro durante meses, e cada um deu o que pôde, oferecendo coração, mãos, ideias, talentos, sorrisos. Que Deus vos recompense como só Ele sabe fazer!

Gostaria de partilhar convosco uma reflexão simples, que resumiria assim: os cristãos são chamados a levar ao mundo *o fermento da gratuidade*.

Jesus utilizou a imagem do fermento numa parábola sobre o Reino dos céus, recolhida pelo evangelista Mateus: «O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado» (*Mt* 13, 33). A vossa experiência destes dias, tal como a de tantos irmãos e irmãs voluntários em circunstâncias semelhantes – penso no Jubileu do ano passado –, é um sinal do Reino que vem, e o é por um aspecto essencial: a gratuidade.

A gratuidade é um fermento que faz crescer a qualidade humana, ética e espiritual de uma sociedade, porque poderíamos dizer que é uma característica típica da “cidade de Deus”. Num mundo continuamente influenciado pela lógica do interesse e do lucro, onde o termo “crescimento” se reduz à dimensão económico-financeira, é necessário pensar e viver segundo a lógica mais verdadeira, isto é, a dum crescimento humano integral. É a lógica do Evangelho, que diz: «Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores fazem o mesmo. E, se emprestais àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis?» (*Lc* 6, 33-34).

Queridos irmãos, Jesus Cristo veio trazer ao mundo o fermento do Reino dos céus; misturou-o com a massa da nossa humanidade doente para a curar por dentro, com a água e o sangue do seu sacrifício e com o fogo do Espírito Santo. E após a sua morte e ressurreição, enviou os seus discípulos, com a força do mesmo Espírito, para que fossem no mundo sinais e instrumentos do seu Reino. O Reino de amor, de justiça e de paz. Isto realiza-se através da pregação, mas também – e eu diria ainda mais – através dum estilo de vida, dum forma de pensar e se comportar que é a do Evangelho. Pois bem, uma característica essencial deste estilo é a gratuidade que testemunhastes nestes dias aqui em Madrid. Obrigado! Talvez as estatísticas não o registem, mas sabemos que, nestes dias, também

graças a vós, esta cidade cresceu e está mais perto do Reino de Deus. Mérito nosso? Não! Tudo é graça d’Ele! Este é o segredo: o amor de Deus, que move o sol e os astros, e move os corações daqueles que encontraram o «Senhor Jesus [que] disse: “A felicidade está mais em dar do que em receber”» (Act 20, 35).

Irmãs, irmãos, continuemos por este caminho! Com humildade e mansidão, sem qualquer presunção, mas firmes na fé e generosos no serviço. Que a Virgem Maria vos conceda ser fermento do Reino, sempre e em toda a parte. Obrigado e vemo-nos em Roma!

*[Bênção das primeiras pedras]*

*[Entrega do Cálice oferecido à Arquidiocese de Madrid]*

Quero deixar também, como um dom para toda a família aqui em Madrid, como sinal de comunhão na Igreja, este cálice. Que jamais nos esqueçamos do que celebramos no memorial de Cristo que nos salvou.

*[Bênção apostólica]*

Muito obrigado a todos!

**[Voltar ao índice](#)**

# **BARCELONA**

# ORAÇÃO DA HORA-SEXTA

## *HOMILIA DO SANTO PADRE*

*Catedral da Santa Cruz e Santa Eulália (Barcelona)*

*Terça-feira, 9 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs:*

É com grande alegria que inicio a minha visita rezando convosco a Hora Sexta nesta Catedral.

O Concílio Vaticano II define o Ofício Divino como «a voz da Esposa que fala com o Esposo» (*Sacrosanctum Concilium*, 84) e como «a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai» (*ibid.*). Também a Leitura que acabámos de escutar sublinha que «fomos todos batizados para formar um só corpo» (1 *Cor* 12, 13). Podemos, então, deixar-nos ajudar, na nossa reflexão, precisamente por estas duas imagens: a Esposa e o Corpo.

A primeira, recorda-nos que a Igreja, e em particular esta assembleia, rica em dons e carismas e na diversidade das histórias de cada um, é, acima de tudo, uma Esposa amada. Deus quis que estivessem aqui, porque gosta de ver em vós e na vossa união uma beleza e uma bondade únicas e sagradas. Ele escolheu-vos para representardes hoje a “comunidade dos santos” (cf. 1 *Cor* 1, 2) que se encontra em Barcelona. E é com esta consciência que vos convido a renovar, num só coração, o propósito de caminhar juntos, fiéis e Pastores, todos seguindo as pegadas de Cristo, rumo à plenitude da vida. A Igreja é fruto duma ação de amor que a precede e provém de Deus, e que, antes de qualquer outra coisa, cresce unida,

deixando-se amar por Ele, com coração humilde e agradecido, porque só quem se deixa amar por Deus pode construir, com os outros, as obras do amor.

A este respeito, há pouco tempo o Papa Francisco recomendava a esta Comunidade diocesana que partisse «do encontro com Cristo» para crescer «na fraternidade, no anúncio da Boa Nova do Evangelho» (*Videomensagem por ocasião da inauguração da torre da Virgem Maria da Basílica da Sagrada Família*, 8 de dezembro de 2021); e, um ano depois, repetia aos seminaristas desta mesma Diocese, que peregrinavam em Roma: «Nunca deixeis de saborear e recordar este amor de predileção que se derrama e se derramará abundantemente no vosso coração [...]. Nunca apagueis esse ardor que fará de vós intrépidos pregadores do Evangelho» (*Discurso à comunidade do Seminário de Barcelona*, 10 de dezembro de 2022).

As suas palavras indicam o clima que somos chamados a propagar nos nossos ambientes, nas famílias, nas paróquias, nos locais de trabalho e formação, nos ambientes da Cúria e em qualquer outro âmbito da vida: um clima de família, no qual se vive juntos, conscientes da filiação e do chamamento comum, solidários, abertos, capazes de misericórdia, sacrifício, atenção mútua e perdão.

Queridos amigos: Barcelona, neste aspecto, possui uma grande tradição de Igreja. Assim o recordava São João Paulo II quando, na sua visita a esta cidade, elogiava o «espírito acolhedor que ao longo da história levou barceloneses e catalães, vós, a compartilhar cidadania humana e cristã com inúmeros povos» (*Angelus*, Barcelona, 7 de novembro de 1982), e vos encorajava a «proclamar perante a Igreja que esta cidade e esta região são uma casa ampla e aberta à fraternidade cristã» (*ibid.*).

Nas suas palavras, refletem-se os rostos de tantos irmãos e irmãs entre vós que se doaram e continuam a doar-se para construir harmonia e comunhão, para além de toda a polarização. E também hoje essas palavras são confirmadas pela vitalidade das numerosas obras de anúncio, formação e caridade das quais todos vós sois animadores e protagonistas.

Isto leva-nos à segunda imagem sobre a qual queremos deter-nos: a do Corpo, tema principal da leitura que acabámos de ouvir (cf. 1 *Cor* 12, 12-13). Se Cristo é o Esposo que nos amou primeiro, Ele é também a Cabeça à qual estamos unidos como membros de um único organismo, uns ao serviço dos outros, «homens de todas as tribos, línguas, povos e nações» (*Ap* 5, 9), todos animados pela ação do mesmo Espírito, todos chamados à mesma santidade. Isto também é importante, porque nos recorda que, para nós, trabalhar juntos não é uma questão de “estilo”, mas uma necessidade fisiológica, fundada na graça concedida a cada um «segundo a medida do dom de Cristo» (*Ef* 4, 7), e à qual correspondemos colocando em ação os carismas recebidos e respeitando os ministérios que foram confiados. É o Espírito que, como partes de uma única estrutura viva, nos impele não só a entregar-nos sem reservas ali onde a Providência nos chama, mas a fazê-lo segundo os desígnios de Deus, na obediência e na confiança.

Tal como num corpo, também entre nós há membros mais fortes e outros mais fracos; alguns são visíveis e desempenham funções reconhecíveis externamente; outros estão escondidos e atuam a partir de dentro, em alguns casos sem nunca parar e desempenhando funções vitais, sem que ninguém sequer se aperceba.

São muitas as imagens com as quais poderíamos ilustrar a variedade e a importância das funções e das missões que encontramos entre nós, mas a mensagem é sempre a mesma: na riqueza dos dons recebidos, somos fortes

porque estamos unidos, e estamos unidos porque somos animados pelo mesmo Espírito, o Espírito de Cristo, que é Espírito de comunhão para a salvação de todos (cf. *Ef* 4, 4). Por isso, para cada um de nós é importante não permitir que nada destrua a unidade na qual Deus nos constituiu e para cuja plenitude nos conduz dia após dia.

Barcelona é conhecida como “*Cap i Casal de Catalunya*”. O que confere a todos vós, barceloneses e catalães que formais esta comunidade, uma vocação e uma responsabilidade especial de vos tornardes, com a ajuda de Deus, construtores de unidade.

Dentro de pouco, iremos venerar os restos mortais de Santa Eulália, copadroeira desta Catedral, desta Arquidiocese e desta cidade.

Santo Agostinho, a propósito dos Mártires, dizia: «Não nos pareça pouco ser membros do corpo d’Aquele de quem também são membros outros aos quais não podemos equiparar-nos [...] obedecemos ao mesmo Senhor [...], buscamos a mesma caridade e abraçamos a mesma unidade» (*Sermo* 280, 6).

Queridos irmãos e irmãs: num mundo dilacerado por guerras e divisões, é com este espírito que também nós, numa sociedade cada vez mais fragmentada e individualista, queremos ser “mártires”, ou seja, testemunhas e profetas de unidade, acolhimento, concórdia e paz, mesmo que isso implique sacrifícios e renúncias. A exemplo da santa virgem Eulália e de tantos outros mártires, queremos dar o nosso “sim”, dispostos, no que for preciso, a morrer para nós mesmos, a perdermo-nos para nos reencontrarmos, a renunciar ao supérfluo para construir sobre o que é essencial e perdura para sempre (cf. *Mt* 16, 24-26).

É isto que nos ensina o Crucificado, é a isto que nos convidam o apóstolo Paulo e os exemplos dos santos, é isto que queremos fazer juntos,

segundo a oração de Jesus ao Pai, durante a Última Ceia: «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (Jo 17, 23).

Que Maria, Mãe da Igreja e Mãe da unidade, nos ajude a ser fiéis a este compromisso e a esta missão: «*Santa Maria de la Mercè, pregueu per nosaltres*».

**[Voltar ao índice](#)**

# VIGÍLIA DE ORAÇÃO

*Estádio Olímpico “Lluís Companys”*

*Terça-feira, 9 de Junho de 2026*

## ***Perguntas dos jovens***

*Santo Padre, crescemos ouvindo que o único objetivo na vida é produzir, ter sucesso e cuidar da nossa imagem. Eu próprio tentei, mas só encontrei um vazio imenso. À procura de respostas, a minha vida deu uma reviravolta e, nesta última Páscoa, recebi o Batismo. Já que este caminho ainda é novo para mim, pergunto-lhe: como podemos manter o olhar voltado para o que realmente importa, quando a sociedade nos força a olhar constantemente para o chão ou apenas para nós próprios? Como podemos descobrir a nossa verdadeira vocação no meio de tudo isto?*

## **Respostas do Santo Padre**

1. Obrigado por este testemunho. Primeiramente, gostaria de alegar-me contigo e com todos aqueles que, na Páscoa deste ano, receberam o Sacramento do Batismo. Muitos jovens e adultos estão redescobrando a fé cristã, talvez após uma fase da vida em que se tinham afastado um pouco de Deus. Trata-se de um passo verdadeiramente importante. Com efeito, tudo o que descobrimos, acolhemos e vivemos gradualmente ao longo do caminho contribui certamente para o nosso crescimento, para a nossa maturidade e para alargar espaços de vida no nosso interior; mas, ao mesmo tempo, no meio das alegrias, das vitórias e das derrotas, apercebemo-nos de que precisamos de uma outra água para nos saciar mais profundamente. O nosso

desejo de verdade e felicidade necessita de um horizonte maior. E esta inquietação é um dom que o próprio Deus nos concedeu: fomos feitos à medida do infinito e, por isso, todo o horizonte finito, cada passo, cada conquista, ao mesmo tempo que nos satisfaz, impulsiona-nos para a frente e convida-nos a continuar à procura, a procurar avançando; mas, acima de tudo, a procurar “descendo interiormente”, ou seja, indo ao mais profundo de nós mesmos.

Volto, pois, à questão com duas breves ideias. A primeira: é necessário cultivar essa saudável inquietação. Nas nossas sociedades, efetivamente, a idolatria do lucro e do rendimento, a ânsia de ter de produzir sempre e ser vencedores, bem como o culto da própria imagem, não passam de anestésicos para entorpecer a nossa consciência e adaptá-la a uma certa ideia de sociedade. Quando as pessoas aprendem a parar, a valorizar as coisas importantes, a apreciar o tempo de um modo novo e a pensar na própria vida deixando-se iluminar pelo Evangelho, desenvolvem também um pensamento crítico em relação a um sistema social que dá centralidade à pessoa, provocando situações de injustiça e de pobreza existencial a vários níveis. É por isso que a inquietação assusta, assim como a descoberta da interioridade, da espiritualidade e, ainda mais, do Evangelho. Segunda ideia: é neste mundo, e não num mundo diferente, que devemos cultivar a inquietação. É dentro desta sociedade que tu e tantos outros descobristes o valor duma vida mais humana, mais plena, aberta ao encontro com Deus e à alegria da fé. Isto significa que, apesar das dificuldades, o lugar onde Deus se torna presente e onde devemos encontrar os seus sinais é sempre a realidade em que nos encontramos. Cremos que o Espírito Santo atua e trabalha silenciosamente em todas as situações da vida e da história, mesmo naquelas que parecem mais difíceis. Porém, devemos cultivar esta inquietação e dar-lhe espaço; como dizia, “procurar no interior”, tentando

não nos deixar oprimir pelos ritmos e seduções externas, cultivando momentos de silêncio, talvez parando alguns minutos por dia para ler o Evangelho e falar com Deus; também tentando percorrer este caminho interior com outros, deixando-nos acompanhar nos percursos eclesiais e confrontando-nos com os sacerdotes, os religiosos, as pessoas que, como nós, empreenderam este caminho.

### ***Perguntas dos jovens***

*Santo Padre, num mundo onde as coisas se expõem em voz alta, há aspectos da vida que permanecem em silêncio, com vergonha. Tal é a depressão, uma doença silenciosa, que afeta muitas pessoas, jovens e adultos, acarretando escuridão, isolamento e uma dor desmedida. Por vezes, esta dor é tão avassaladora, que a ideia de desaparecer parece ser a única saída. Eu própria lutei para sair desta doença, em silêncio durante anos, e numa sexta-feira à noite perdi a batalha e tentei tirar a minha própria vida. Estou aqui porque Deus me deu uma segunda oportunidade, e a Ele estarei eternamente grata; mas há muitos outros que continuam a enfrentar esta escuridão. Por isso, pergunto-lhe do fundo do coração: onde podemos ver Deus quando a escuridão é absoluta e já não aguentamos mais? Como podemos confiar em Deus, quando parece que nada, nem mesmo nós, vale a pena?*

### ***Respostas do Santo Padre***

2. Em primeiro lugar, obrigado por partilhares hoje a tua experiência de sofrimento. Comove-me que consigas falar sobre isso, que estejas aqui entre nós e que tenhas encontrado a força para acolher esta segunda oportunidade que o Senhor te concedeu. Tu levantaste-te e retomaste o caminho, e este é um milagre maravilhoso que vemos em muitas personagens do Evangelho: no encontro com Jesus, mesmo quem se sente

perdido, recupera a confiança na vida, cura a doença e consegue levantar-se para voltar a viver.

Na tua pergunta, referiste, em primeiro lugar a “doença silenciosa” que é a depressão, e é importante tomar consciência de como a saúde mental se vê cada vez mais ameaçada no contexto de sociedades que se consideram avançadas. É um sinal de que há algo profundamente errado numa certa ideia de crescimento que submete as pessoas a pressões, expectativas e tensões que comprometem equilíbrios fundamentais. Por isso, é necessário um sistema de saúde que inclua entre as suas prioridades este mal-estar invisível e generalizado, que também afeta os jovens.

As tuas palavras, no entanto, mostraram-nos ainda que a dor põe à prova a fé e o sentido que damos à vida. Isto é verdade para todos e não apenas para aqueles que, nalgum momento, enfrentam a provação da doença.

Enquanto te ouvia, pensei naqueles instantes de escuridão, angústia e dor que Jesus viveu quando a hora da sua morte se aproximava. Os Evangelhos, nos momentos da Última Ceia e da oração no Getsémani, sublinham que entardecia, que estava a escurecer, assim como, pouco antes de morrer na cruz, nos dizem que “as trevas envolveram toda a terra”. No entanto, não se trata, na verdade, apenas dum sofrimento pessoal; o Filho de Deus está a assumir na sua própria carne toda a angústia, solidão e sofrimento da humanidade. Nestas horas sombrias, morrendo na cruz, Jesus partilha a nossa dor e revela-nos o rosto de um Deus compassivo, que carrega as nossas dores, que sofre conosco, chora as nossas lágrimas e permanece ao nosso lado com a sua presença cheia de amor e misericórdia.

Passar por esta experiência é difícil, como atestam várias vezes as Sagradas Escrituras; há momentos de escuridão e sofrimento que a nossa

sociedade silenciosa, porque, precisamente, alguns modelos culturais querem que sejamos sempre vencedores e perfeitos e, por isso, o limite, a fragilidade e a dor devem ser eliminados ou confinados ao silêncio ensurdecedor da solidão, e mesmo da vergonha. E, nestes momentos, podemos pensar instintivamente que também Deus nos abandonou. Contudo, a cruz de Jesus diz-nos que Deus não nos abandona, que no momento da dor e da solidão extrema, Ele continua crucificado conosco, acolhe não só as nossas lágrimas, mas também o grito do nosso sofrimento que outros não escutam, um grito que Jesus fez na cruz, dizendo: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”. Há uma catequese sobre as últimas horas de Jesus, na qual Bento XVI diz que o seu sofrimento se transforma em oração e em clamor, e que isso também se aplica a nós: perante as situações mais difíceis e dolorosas, quando Deus parece ausente, devemos confiar-lhe mais uma vez os fardos que carregamos no coração, chegando mesmo a gritar por Ele ou a protestar como Job, certos de que, de alguma forma, Ele se faz presente e está perto, mesmo quando aparentemente não fala. Penso, porém, que não podemos fazê-lo sozinhos. Nas horas de dor, pelo menos na medida do possível, devemos abrir-nos com alguém que nos ajude a fazer uma oração simples, que nos acompanhe com discrição, sem a pressa de nos explicar a dor, que nos pegue pela mão e nos faça sair desse grito. Estas experiências oferecem também uma mensagem a nós, crentes, a toda a Igreja: não devemos espiritualizar a dor, reconduzindo-a superficialmente à “vontade de Deus” ou a algum seu projeto misterioso, porque corre-se o risco de minimizar esse sofrimento, de o silenciar, de ferir as pessoas. Deus não quer o sofrimento, Ele carrega-o conosco e convida-nos a confiar n’Ele, de forma perseverante. Recordemos o que dizia o Papa Francisco: com Deus, a vida sempre renasce.

### ***Perguntas dos jovens***

*Boa noite, Santo Padre. Sou duma família dum bairro muito humilde de Barcelona. Quando eu era pequena, o meu pai tentou matar a minha mãe, e ela salvou-se porque um rapaz se interpôs e, por isso, acabou por morrer. O meu pai foi para a prisão e a minha mãe entrou no mundo da droga. Aos dez anos, os serviços sociais assumiram a minha tutela e levaram-me para o centro de menores de San José de la Montaña. No início, foi difícil, pois tinha criado uma barreira para me proteger, onde não deixava ninguém entrar. Entretanto, pouco a pouco, experimentei, pela primeira vez, o amor de família, e o meu coração foi-se abrindo. Lá, falaram-me de Jesus, comecei a rezar e fui batizada. Mas, na minha adolescência, revoltei-me muitas vezes contra Deus. Convidaram-me para um retiro e ali, pela primeira vez, experimentei o amor de Deus. Só que já se passaram alguns meses e ainda sinto dificuldade em perdoar o meu pai. Às vezes, levanto os olhos para o Céu e pergunto-lhe: “Onde estavas quando eu era criança?”. Santo Padre, como posso perdoar o meu pai, que esteve prestes a deixar-me sem mãe? Como posso reconciliar-me verdadeiramente com Deus?*

### ***Respostas do Santo Padre***

3. Obrigado pelo teu testemunho e obrigado também pela pergunta sobre o perdão. É realmente um sinal da graça de Deus que esta pergunta surja de um passado tão marcado pelo sofrimento e que, apesar da dor, se tenha a coragem de perguntar como é possível perdoar quem nos fez mal. Gostaria de dizer também aqui duas coisas.

A primeira complementa o que eu dizia anteriormente sobre a presença de Deus nos momentos de sofrimento. No fundo, também tu colocas esta mesma questão em relação à tua infância, mas o contexto em que se desenrolaram os acontecimentos da tua vida pede-nos que alarguemos o âmbito da nossa interrogação: devemos perguntar-nos “Onde estava Deus?”

ou devemos antes questionar-nos sobre o homem e a humanidade; sobre como, por vezes, somos prisioneiros do mal a ponto de nos tornarmos violentos com as pessoas; sobre como não conseguimos cultivar o amor e o respeito pela dignidade e a liberdade dos outros? Ainda hoje, tantas notícias policiais refletem um clima envenenado nas relações familiares, marcado por abusos e opressões e, em particular, pela violência contra as mulheres, que, com muita frequência, infelizmente, terminam também em feminicídios. Todos nós somos chamados a enfrentar esta realidade dramática – que tem raízes antropológicas e culturais – seja a nível pessoal, seja enquanto sociedade, pois cabe-nos combatê-la em todas as suas dimensões. Não podemos atribuir a Deus aquilo que nos foi confiado como nossa responsabilidade; não podemos imaginar que Deus, lá do alto, responda às nossas necessidades de forma automática ou impeça milagrosamente que o mal aconteça. Ele dotou-nos de inteligência e vontade, deu-nos uma consciência, revestiu-nos de dignidade e liberdade e, principalmente, veio ao nosso encontro para nos indicar, no seu Filho Jesus Cristo, o caminho a seguir para que a nossa vida seja plenamente humana e para que na nossa sociedade reinem a justiça, a paz e a fraternidade. Ele deu-nos o próprio Espírito, precisamente para que o amor seja a chave de todas as nossas relações humanas. Se existe violência, se triunfa o egoísmo, se até mesmo o amor entre familiares se transforma em ódio, devemos fazer algumas perguntas a nós próprios, às dinâmicas da nossa sociedade, à cultura do individualismo, à tentação da violência, e não a Deus.

Uma segunda observação diz respeito ao perdão. Devemos aprender a considerar o perdão, esse poderoso remédio contra o mal, que cura as nossas feridas interiores, como algo que faz parte de um processo, de um caminho. O próprio Evangelho, se o lermos como um livro de instruções, mandamentos e deveres, corre o risco de nos causar muito desânimo e

frustração, porque Jesus nos convida ao perdão e nós sentimos que não somos capazes. E, no entanto, não é assim. O perdão, primordialmente, deve ser invocado do Senhor; continuar a pedir – talvez durante toda a vida – que Ele amplie em nós o espaço do amor, chegando precisamente ali onde fomos feridos; que nos ajude a reconciliar-nos conosco mesmos e com essa parte da nossa história marcada pelo sofrimento; e que transforme lentamente o ressentimento em misericórdia e compaixão. É um longo caminho; um processo que exige muita paciência; um trabalho que devemos realizar conosco próprios, tanto a nível pessoal como através de outros itinerários de acompanhamento e também de reconciliação interior. E é preciso não desanimar: no perdão, avança-se a pequenos passos. A reconciliação com a história é gradual e, por isso, não devemos pensar que o perdão significa sempre e em todos os casos voltar à situação inicial ou a viver uma relação plena com aqueles que nos magoaram, especialmente quando o que aconteceu foi marcado também pela violência. Pode-se manter uma boa disposição de coração em relação à pessoa, rejeitar qualquer forma de ódio ou vingança, esforçar-se por reparar o relacionamento na medida do possível e, talvez, rezar por ele ou por ela: tudo isto ajuda-nos a entrar cada vez mais na dinâmica do perdão e a reconciliar-nos com Deus e com os outros. Somos pecadores perdoados, estamos em paz e somos capazes de perdoar; capazes de ser portadores de paz.

### ***Homilia do Santo Padre***

Queridos irmãos e irmãs, filhos e filhas amados de Deus,

também nós somos como Nicodemos, peregrinos na noite. Esta imagem evangélica oferece-nos, acima de tudo, uma mensagem sobre o caminho da

vida. O nosso caminhar, os nossos desejos e tudo aquilo que abraçamos e vivemos no dia-a-dia, nas alegrias e nas derrotas, nas aspirações e nos projetos, é a expressão da nossa busca contínua: somos mendigos de amor, temos fome e sede de verdade, procuramos um sentido pleno que nos sustente, nos anime e nos ajude a compreender o mistério da nossa vida. Enquanto avançamos lentamente, com pequenos passos, somos chamados a dialogar com a penumbra da nossa própria condição humana: falta-nos a verdade completa, não conhecemos em profundidade o mistério de nós próprios e o verdadeiro rosto dos outros, nem sempre conseguimos compreender a verdade escondida da realidade que nos rodeia e dos acontecimentos que se apresentam diante dos nossos olhos. Procuramos uma luz que ilumine o caminho.

Mas Nicodemos também nos fala do caminho da fé. Não se trata de uma senda paralela à da nossa existência humana, pois estes dois itinerários estão sempre entrelaçados. Como ouvimos no Evangelho, Deus amou tanto o mundo que nos deu o seu Filho unigénito e, n'Ele, uniu-se para sempre à nossa carne. Ele está sempre junto do Pai e junto de nós; assim, cada vez que o mistério da nossa vida se desdobra à luz de um novo dia, em tudo o que somos e fazemos, estamos na presença de Deus e somos guardados pelo seu abraço eterno: a nossa vida «está escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). E, no entanto, passamos pela noite da fé, pela fadiga de acreditar, pelo cansaço do espírito, pela sensação de desproporção perante o apelo do Evangelho, a amargura dos nossos fracassos e o medo de não sermos capazes.

Irmãos e irmãs, Nicodemos ensina-nos que estas noites — que acompanham a nossa vida, o caminho da fé e a história em que vivemos — são um lugar de bênção, um espaço para renascer, um ventre que sempre dá à luz uma vida nova. Estas noites despojam-nos e devolvem-nos ao

essencial; retiram-nos as máscaras humanas e religiosas que usamos durante o dia, para que não sejamos reconhecidos ou para dar uma imagem de nós mesmos diferente daquilo que somos; deixam-nos à vista, nas nossas luzes e nas nossas sombras, devolvendo-nos à humildade de nos sabermos olhar na verdade, para além da presunção de pensar que o nosso caminho já está percorrido e que avançamos como se tivéssemos uma luz clara sobre tudo, sobre todos e até mesmo sobre Deus.

Este “espaço vazio” que a noite cria, mesmo quando se apresenta sob a forma de sofrimento ou insatisfação, de desilusão ou incredulidade, pode ser uma ocasião para receber uma nova vida, para mudar e renovar-se, para “renascer do alto”, como diz Jesus a Nicodemos. Deus, com efeito, não veio para julgar o mundo com o seu pecado nem para julgar a noite da sua infidelidade, mas enviou o seu Filho para o salvar, para dar ao mundo a vida eterna.

Por isso, também nós somos chamados a não julgar tais “noites”: nem as noites da nossa vida, nem as da Igreja, nem as da sociedade que nos rodeia. Pelo contrário, na noite devemos pôr-nos a caminho, como faz Nicodemos, continuar a interpelar o Senhor, abrirmo-nos ao sopro do Espírito para acolher a noite já não como sinal de um fracasso, mas como o início duma nova vida.

E ao refletirmos sobre o nosso caminho pessoal, mas também sobre as noites do nosso percurso eclesial e da Espanha, das suas cidades, das suas antigas e novas formas de pobreza, da sua sociedade e cultura, podemos então perguntar-nos: quais são as noites que atravessamos? O que nos sugerem? Ao entrarmos nelas e olharmos com humildade e sem preconceitos para a realidade de nós mesmos, o que somos chamados a

mudar? Onde devemos renovar-nos, em que direção queremos ir, que sociedade queremos construir?

Não deixemos de procurar, de questionar e de dialogar, com Deus e entre nós, mesmo no meio da noite. Caminhemos juntos na fé que harmoniza a diversidade das nossas ideias e sensibilidades, para procurar a verdade que nos guia ao bem comum, para que este país seja um espaço acolhedor para todos, onde cada um é respeitado na sua dignidade de pessoa e amado pelo que é. Abramo-nos ao dom do Espírito, buscando o Senhor como Nicodemos e acolhendo a luz do seu Evangelho, com a certeza de que experimentaremos em nós uma vida nova, uma presença que abençoa, um amor gratuito que nos ajudará a passar da noite para a luz. Porque Deus não quer que nada se perca e desde já deseja dar-nos a vida eterna, para nos conduzir à felicidade que não tem fim.

Que, por intercessão da Virgem Maria, o Senhor nos conceda abrimo-nos a Ele e deixarmo-nos agitar pelo vento do seu Espírito.

**[Voltar ao índice](#)**

# **VISITA AO CENTRO PRISIONAL “BRIANS 1” (BARCELONA)**

## ***SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE***

*Quarta-feira, 10 de Junho de 2026*

Queridos irmãos e irmãs:

*Gràcies a tots pel vostre acolliment tan ple de simpatia i cordialitat!*

Sinto-me edificado pelos testemunhos que Montse e Josefina partilharam conosco. Muito obrigado. Agradeço também as palavras do padre Jesús, que põem em evidência o empenho dos capelães e voluntários da pastoral penitenciária diocesana de Sant Feliu de Llobregat.

Todo o ser humano é “digno” porque simplesmente «foi desejado, criado e amado por Deus» (cf. *Magnífica humanitas*, 52). Não existe, portanto, nenhuma situação que faça com que o Senhor desvie o seu olhar de nós. É uma verdade consoladora que nos acompanha em todos os momentos e nos lembra como o seu amor misericordioso está sempre acima do bem ou do mal que tenhamos feito.

Isto aplica-se, em particular, a vós, queridos irmãos e irmãs, que carregais o fardo de estar longe dos vossos entes queridos e que, além disso, sofreis devido à vossa situação atual. Quando vos vier a tentação de vos sentirdes inferiores e pensardes que não vale a pena seguir em frente, “levantai os vossos olhos” para Aquele que, através da presença de tantas pessoas, nunca deixa de vos mostrar o seu amor e a sua proximidade.

Embora o desânimo e a tristeza marquem alguns momentos do vosso caminho, lembrai-vos de que os erros da vida não determinam a identidade de uma pessoa. Santo Agostinho, nas *Confissões*, fala-nos sobre isso, partilhando conosco o seu itinerário de vida; se confiarmos na graça divina e nos deixarmos guiar e transformar por ela, descobriremos como, na nossa vida, o passado não condena o futuro, mas oferece-nos a possibilidade de mudar as nossas decisões e escolhas.

Demos espaço ao Senhor no nosso coração e procuremos a sua face. Deixemo-nos acompanhar pelo seu amor. Agarremo-nos a Ele, que nos convida continuamente à esperança e nos mostra um horizonte maravilhoso que nenhuma barreira física nos pode impedir de alcançar. Hoje, Ele continua a falar-nos no íntimo das nossas consciências para nos levar a descobrir que tem a sua morada no meio de nós. Ele apenas espera por uma oportunidade.

Queridos amigos e amigas, convido-vos a continuar a sonhar o sonho de Deus. A cada um de vós digo: Deus ama-te tal como és, mas sonha-te ainda melhor! O Senhor permite-nos a todos recomeçar sempre, pois ser humano e ser cristão não consiste em não cometer erros, mas sim em crescer na capacidade de se converter, arrepender, emendar e, acima de tudo, de se reconciliar e perdoar.

Confio-vos de modo especial à intercessão maternal de Nossa Senhora das Mercês e, com todo o carinho, peço ao Senhor que vos abençoe. Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# ORAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Abadia de Nossa Senhora de Montserrat*

*Quarta-feira, 10 de Junho de 2026*

Saúdo cordialmente Vossa Excelência, Dom Xavier Gómez García, o Abade de Montserrat, Dom Manel Gasch i Hurios, bem como os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas e todos os fiéis que participam nesta peregrinação, em especial as crianças que nos acompanham hoje. *Gràcies per acollir-nos, gràcies per la vostra presència [Obrigado por nos receberem, obrigado pela vossa presença].*

Estou contente por poder vir aos pés da *Moreneta* para confiar-lhe, cheio de confiança na sua intercessão maternal, o meu ministério petrino e a missão da Igreja num mundo que clama por justiça e paz.

Guardo uma grata recordação dos meus anos como pároco da paróquia de Santa Maria de Montserrat, em Trujillo, no Peru. A *Moreneta* sempre me acompanhou. Obrigado, Catalunha, pela vossa fé.

As paredes deste lugar poderiam contar-nos as inúmeras histórias de devoção, gratidão e esperança em torno da *Mare de Déu* de Montserrat, das quais foram testemunhas ao longo dos séculos, assim como do sangue derramado por amor a Jesus Cristo.

Da mesma forma, ficaram nelas guardadas as alegrias e tristezas, os momentos de felicidade e as lágrimas de tantos fiéis; e ouviram também as vozes celestiais do coro infantil mais antigo da Europa.

Quando, em 2023, o meu predecessor, Papa Francisco, ofereceu a rosa de ouro a esta venerada imagem, convidou-nos a meditar sobre como, passados tantos séculos, os fiéis, sem distinção, têm passado por este Santuário rezando o terço, porque Maria, *Mare de Déu*, é fundamental na vida de todo o cristão. Na mesma ocasião, ele observou que «diante da Mãe [...] os sentimentos mais nobres de uma pessoa são despertados» (*Discurso aos membros da Confraria da Mare de Déu de Montserrat*, 7 de outubro de 2023); efetivamente, Ela suscita em nós conversões profundas, como a de Santo Inácio de Loyola, que neste significativo lugar, após uma noite de oração perante a Virgem, entregou as suas armas de cavaleiro, momento que marcou o início de uma nova vida ao serviço de Jesus Cristo.

Com esta mesma atitude filial, convido-vos a acolher hoje o convite de Maria: «Fazei o que Ele vos disser» (*Jo 2, 5*). Estas palavras, proferidas em Caná da Galileia, contêm um verdadeiro programa de vida cristã, pois Maria conduz-nos a Cristo e ensina-nos a ouvir a sua voz, a obedecer à sua palavra e a permitir que Ele nos transforme. A vontade de Jesus é clara: «É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros» (*Jo 15, 17*). Trata-se de um amor que tem n'Ele mesmo a sua fonte e medida: «Como Eu vos amei» (v. 12). Por isso, quando Maria nos diz «fazei o que Ele vos disser», convida-nos a ter um coração reconciliado com os critérios do Evangelho.

Jesus mostra-nos o caminho da misericórdia e da reconciliação, da verdade e da mansidão. Desmascara, ao mesmo tempo, a violência que pode esconder-se nas nossas palavras e atitudes: a crítica que humilha, a condenação que destrói e a agressividade que divide. Essa violência velada pode disfarçar-se muitas vezes de aparentes armaduras com as quais tentamos proteger as nossas feridas, os nossos medos ou o sofrimento causado pelas injustiças.

Contemplemos Maria de Montserrat, que nos mostra Jesus como uma criança indefesa a descansar no seu colo, pois Ela está aqui, junto ao seu Filho, convidando-nos a amar-nos uns aos outros. Depositemos hoje aos seus pés as couraças que pouco a pouco endureceram o nosso coração.

O Deus Menino que Maria segura nos braços não usa armadura e será Ele próprio quem, mais tarde, despido na cruz, se abandonará totalmente ao Pai, para nos salvar com a força desarmada e desarmante do amor.

Levantemos o olhar para Maria e imploremos que Ela nos ajude, tal como exorta São Paulo, a revestir-nos exclusivamente com as armas de Deus: «Mantende-vos, portanto, firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, vestido a couraça da justiça e calçado os pés com a prontidão para anunciar o Evangelho da paz; acima de tudo, tomai o escudo da fé [...] Recebei ainda o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus» (*Ef 6, 14-17*).

Hoje, como peregrinos em Montserrat, manifestemos o sincero desejo de reafirmar o nosso serviço a Deus Pai, que nos revelou Jesus Cristo, o qual nos diz: «Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim mas àquele que me enviou» (*Mc 9, 37*).

Contemplemos também como a Virgem, na sua mão direita, segura o globo terrestre, sinal do seu cuidado materno, pois o mundo inteiro cabe no seu coração. Ela convida a reconhecermo-nos como irmãos e irmãs, de modo que ninguém seja excluído e a comunhão seja mais forte do que qualquer divisão.

Peçamos a Maria, Rainha da Paz, que nos ensine a renunciar às palavras ofensivas, aos juízos temerários, à maledicência e às calúnias. E que aprendamos a zelar e a cultivar o amor na família, entre amigos, no local de

trabalho, nas redes sociais, nos debates políticos e nas comunidades cristãs, para que o ódio dê lugar à esperança e à paz.

Que Maria, Mãe da Igreja, nos conduza sempre para Jesus. Convido-vos a honrá-la com estas palavras que bem conheceis:

*Dels catalans sempre sereu la Princesa,*

*dels espanyols i del món tot l'amor;*

*Digueu-nos: “Sou el meu tresor,*

*jo sóc la vostra mare, no tingueu por”.*

[Dos catalães, sereis sempre a Princesa,

dos espanhóis e do mundo todo, o amor;

dizei-nos: “Sois o meu tesouro,

eu sou vossa Mãe, não temais”.]

Que assim seja!

***Palavras pronunciada do balcão da Abadia de Nossa Senhora de  
Montserrat***

*Germans i germanes, bon dia.*

Obrigado pela vossa presença aqui. Obrigado por esta bela manifestação de fé. Todos unidos numa única família, acolhidos pela nossa Mãe Maria, a Virgem de Montserrat.

A alegria, o entusiasmo e o profundo sentimento de fé que estamos a viver nestes dias: primeiro em Madrid, agora em Barcelona, na Catalunha, e

depois nas Canárias. Toda a Espanha cheia de fé, de amor, cheia deste desejo de louvar a Deus, de dar graças a Deus e de estarmos unidos.

Obrigado à Catalunha por ter acolhido tantas pessoas de outros países, pois mostra como integrar todos numa única família.

Agradeço à comunidade de fé, à comunidade dos nossos irmãos monges, que recebem e acolhem todos os peregrinos que vêm rezar a Nossa Senhora.

Obrigado a cada um, a vós que estais aqui esta manhã para recordar a todos – na Catalunha, em Espanha, no mundo – que a fé é fonte de vida e que a fé traz esperança.

E é Maria, a quem Jesus nos deu como Mãe na cruz, é Maria que nos acompanha, que é a expressão do amor maternal que nos acompanhará para sempre.

*Bênção.*

Obrigado a todos!

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM AS ORGANIZAÇÕES DE CARIDADE E ASSISTÊNCIA DA DIOCESE

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Igreja de Santo Agostinho (Barcelona)*

*Quarta-feira, 10 de Junho de 2026*

*Estimats germans i germanes, Bona tarda!*

Agradeço ao senhor Cardeal Arcebispo pelas cordiais boas-vindas e pelas palavras que me dirigiu, bem como ao delegado para a pastoral social e a todos aqueles que partilharam conosco os seus testemunhos sobre as realidades de caridade e assistência diocesanas. Gostaria de agradecer ao Renzo pela sua carta e pelas perguntas que me fez. Tentarei responder a algumas delas.

A que já te respondo é que não queria ser Papa, nem quando jovem nem quando velho, mas quando o Senhor chama, é preciso dizer sim. Antes de responder às perguntas, gostaria apenas de lhes agradecer imenso pelo acolhimento e dizer que aqui me sinto verdadeiramente em casa. E obrigado por tudo o que vós representais.

A razão que pensarão – óbvia, evidente – é porque se trata de Santo Agostinho, mas digo-vos que a primeira vez que vim a esta igreja – não era este Arcebispo aqui ao meu lado –, foi em 1984; viajava por terra de Roma a Leão, cheguei e disse: “Olhai, em Barcelona há uma igreja de Santo Agostinho, vamos visitá-la”. Estava fechada, mas hoje está aberta. E como é bonito encontrar uma igreja com uma comunidade de agostinianos e com

tantas pessoas que vivem, que louvam a Deus, que encontram comunidade, acolhimento e integração nesta igreja e nesta pastoral social. Muito obrigado a todos, de verdade.

Quanto à pergunta sobre o futebol, todos sabem que agora jogo ténis. Jogava futebol quando era jovem, mas futebol americano, que é um pouco mais violento. Também jogava futebol com os seminaristas quando estava em Trujillo: na defesa, se quereis saber; eu não era um grande goleador. Quando estava no primeiro ano em Roma, foi onde vivi a minha primeira experiência do Mundial, em 1982, que ocorreu aqui em Espanha. Depois, no Peru, com os seminaristas, acompanhava muito as equipas locais; mas também jogava com eles. Um pouco de desporto faz bem a todos. É preciso procurar, digamos, manter-se e estar em boa saúde: corpo, mente e alma. Portanto, isso sim tem feito parte da minha vida. O futebol também nos ajuda a recordar algo muito importante: que a vida não é uma corrida para se viver de forma solitária, é algo que se joga em equipa e é preciso aprender a correr juntos. Nesse sentido, um jogador que pode ser uma estrela, mas que nunca passa a bola, não permite que os outros participem no jogo e provavelmente irá perder. E, pensando também em nós e na forma de nos integrarmos numa equipa, quero igualmente reconhecer e felicitar tudo o que estão a fazer aqui.

A segunda pergunta eu já respondi, mas vou continuar a seguir o texto, senão vamos perder-nos e acabamos às 8h30. Perguntas-me se, quando era pequeno, queria ser Papa. Bem, Renzo, acho que não. Acho que nunca pensei nisso. Mas posso dizer-te uma coisa: desde pequeno senti o desejo de entregar a minha vida a Deus. Ainda não sabia bem como nem por onde o Senhor me levaria. Com o tempo, fui descobrindo que Jesus me chamava a segui-lo como sacerdote, e que esse caminho passava pela Ordem de Santo Agostinho. No entanto, isto não se aplica apenas a mim. Toda a criança é

um sonho de Deus. Tu, Renzo, também o és. Deus deseja a felicidade de todos e quer que, desde pequenos e ao longo de toda a vida, conservemos um coração como o das crianças (cf. *Mt 18, 3*): capaz de confiar, cheio de bondade; quer que sejamos seus amigos e não nos afastemos d'Ele. Por isso, mais importante do que nos perguntarmos se seremos sacerdotes, médicos, professores, pais de família ou qualquer outra coisa, é importante perguntarmo-nos se queremos ser amigos de Jesus. Porque a amizade com Jesus dá-nos alegria, torna-nos livres e ajuda-nos a ver, pouco a pouco, a vocação e o caminho que Deus pensou para cada um.

Não é fácil encontrar, Renzo, a resposta à tua pergunta sobre por que razão a umas pessoas acontecem coisas más e, em contrapartida, a outras não. Pensar na vida de Jesus talvez possa ajudar-nos. A Palavra de Deus diz-nos que Nosso Senhor «andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo» (*Act 10, 38*) e, no entanto, sabemos que foi crucificado. Mas a história não terminou aí, porque ressuscitou ao terceiro dia e venceu o mal, venceu a morte. Através da vida de Jesus Cristo, Deus mostra-nos que, embora haja sofrimento, Ele nunca abandona nenhum dos seus filhos, porque tem preparada para nós uma alegria eterna onde já não haverá tristezas nem dor. Tenhamos confiança: Jesus está conosco, ajuda-nos, acompanha-nos e dá-nos forças para superar os momentos difíceis que possamos encontrar na vida.

Sobre os avós, sim, eles são muito importantes para as famílias. Nunca deveriam ficar sozinhos. Muitas vezes, são eles que cuidam dos netos enquanto os pais vão trabalhar e, assim, com carinho e dedicação, ajudam as crianças a conhecer o amor a Deus e ao próximo, para que este crie raízes nos seus corações e um dia se tornem homens e mulheres de bem. E como devemos retribuir o amor? Simplesmente com amor. É isso que Jesus quer que façamos. Cuidar e acompanhar os nossos avós na sua velhice, tal

como eles, um dia, cuidaram de nós. Não permitamos que a solidão e o abandono se normalizem na vida dos idosos. Isso é muito triste. Tenhamos o coração aberto a todos eles; e, mesmo não sendo nossos avós, não permitamos que se sintam sozinhos nem desprotegidos. Porque, se não queremos a solidão para nós, também não devemos permiti-la para os outros.

Quanto à questão sobre se devemos sempre perdoar, Jesus diz-nos que sim. Um dia, Pedro perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» E Jesus respondeu-lhe: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt 18, 21-22). Jesus queria dizer com isso: perdoa sempre. Mas é preciso compreender bem o que significa perdoar. Perdoar não significa dizer que o mal esteve certo, nem deixar que alguém continue a fazer o mal. Não significa esquecer à força, como se nada tivesse acontecido. Perdoar significa não deixar que o ódio se torne o dono do nosso coração. Jesus pede-nos que perdoemos porque é a única maneira de experimentar a paz de Deus e de curar feridas espirituais. Quando perdoamos, imitamos o exemplo de Jesus, que perdoou aos que o crucificavam. A nossa disposição para perdoar é condição para o perdão que recebemos de Deus.

### *Germans i germanes:*

Estar aqui, na igreja de Santo Agostinho, abre o nosso coração a uma verdade que o santo Bispo de Hipona nos indica: ser cristão é, acima de tudo, um dom, uma graça. Alicerçados em Cristo, que é a pedra viva, experimentamos a ação do Espírito Santo, com a convicção de que todo o esforço realizado com sinceridade para cooperar com Ele em favor do nosso próximo será abençoado pelo Pai celeste, em quem colocamos a nossa esperança. Como membros do Corpo Místico de Cristo, estamos

verdadeiramente ligados ao destino daqueles a quem Deus ama e convida a participar da sua vida.

Chamados a amar a Deus e, por amor a Ele, aos nossos irmãos, somos também enviados a ir ao encontro de todos. O cristão, além de bondoso e amável, há de ser compassivo, amar desinteressadamente e procurar o bem dos outros, sabendo que em cada irmão e irmã que sofre é o próprio Senhor quem pede e recebe, quem é acolhido ou rejeitado, amado ou desprezado.

A caridade evangélica, fundada em Jesus Cristo e alimentada pelo seu amor, molda e dá identidade à vida pessoal e comunitária de todo o cristão. Por isso, cada comunidade eclesial diocesana, movida pela caridade e instruída pelo Espírito Santo, é chamada a aproximar-se, segundo as suas possibilidades e capacidades, com discrição, delicadeza e perseverança, das feridas e necessidades dos pequenos e vulneráveis, para aliviar os seus sofrimentos e remediar a sua pobreza. Fá-lo imitando a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, por nosso amor, sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com a sua graça e salvação, e nos chama também a reconhecê-lo e socorrê-lo nos mais necessitados (cf. *Mt 25, 40*).

Por isso, é uma alegria encontrar-me esta tarde com todos vós que, de diferentes maneiras, estais concretamente ligados à assistência, ao acompanhamento e à promoção daqueles que mais precisam, sobretudo nos tempos que vivemos, em que parece ter-se perdido o sentido da dignidade sagrada do ser humano.

Gostaria de sublinhar que, como cristãos, somos chamados a tornar presente o amor de Deus por cada homem e mulher, na trama concreta da história. O livro do Génesis conta-nos que Deus criou «o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (*Gn 1, 27*). Eis onde reside a dignidade inalienável de todo o ser humano, que não

depende das capacidades que possui, das riquezas que acumula ou do papel que desempenha, mas do dom que o precede e ultrapassa, concedido por Deus como expressão do seu amor que nunca falha (cf. *Magnifica humanitas*, 50).

O Senhor, pois, convida-nos a acolher toda a mulher como irmã e todo o homem como irmão. Enquanto filhos do mesmo Pai, toda a pessoa está constitutivamente feita para a relação; foi pensada e amada por Deus para entrar numa história de comunhão com Ele, com os outros e com a criação (cf. *ibid.*). Uma expressão singular deste anseio divino são as realidades diocesanas de caridade e assistência das quais vós fazeis parte e que levais por diante com esforço e dedicação, na consciência de que a pessoa humana está no centro da ação da Igreja (cf. *Gaudium et spes*, 24) e de que a caridade é «o maior mandamento social» (*CIC*, 1889).

Encorajo-vos a prosseguir, unidos aos vossos pastores, animando estes apóstolados, dando testemunho do Evangelho e mostrando ao mundo a beleza da vida cristã, que antecipa aqui e agora a justiça e a paz que serão perfeitas no Reino de Deus. Sede, pois, testemunhas credíveis da esperança cristã no serviço solícito aos irmãos e irmãs que, numa condição de vida precária, marcada pela privação, pela fragilidade ou pela marginalização, além de ajuda material e apoio moral, precisam de Deus, da sua amizade, da sua bênção, da sua Palavra, dos seus Sacramentos e da proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé (cf. *Evangelii gaudium*, 200).

Coloco aos pés de Nossa Senhora do Bom Conselho o vosso trabalho e a vossa dedicação, para que a sua intercessão vos acompanhe e o Senhor faça frutificar abundantemente todo o bem que fazeis. Que Deus vos abençoe. Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# SANTA MISSA

## *HOMILIA DO SANTO PADRE*

*Basílica da Sagrada Família (Barcelona)*

*Quarta-feira, 10 de Junho de 2026*

«Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!»  
(Sl 8, 2.10).

Com o louvor deste salmo, tão cheio de alegria e admiração, saúdo-vos a todos, queridos irmãos e irmãs. Expresso o meu reconhecimento a Suas Majestades e agradeço ao Cardeal Juan José Omella, Arcebispo de Barcelona, bem como aos demais irmãos no Episcopado e a todos aqueles que se unem à nossa oração: sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas. Nesta tarde de festa para toda a cidade de Barcelona, estendo a minha grata saudação às autoridades públicas, como também aos membros de outras comunidades cristãs e religiões que participam na nossa ação de graças.

Hoje, a Basílica da Sagrada Família acolhe-nos nesta bela cidade, abrindo as suas portas como se fossem os seus braços para nos convidar a este altar e a escutar a Palavra de Deus, que nos constitui numa família amada pelo Senhor, alimentada pela sua própria vida na Eucaristia. Assim é com *la ciutat comtal* e com a inteira Catalunha que se reúnem neste templo – igualmente sinal de unidade e concórdia – e levantam o seu olhar para se encontrar com o rosto de Deus Pai, resplandecente no seu Filho Jesus Cristo, que se fez homem.

Louvamos o Senhor pelo que Ele realiza em nossas vidas, enquanto rendemos graças pela sua caridade para conosco. Damos graças, em particular, por esta extraordinária basílica, que o Papa Bento XVI consagrou em 2010, recordando que ela é um sinal visível do Deus invisível, para cuja glória se erguem as suas torres (cf. *Homilia*, 7 de novembro de 2010). Dando continuidade à oração do meu Predecessor, dentro de alguns instantes abençoarei a torre mais alta, a de Jesus Cristo.

Esta igreja é um edifício único, constituído por muitas pedras. Uma casa que cresce continuamente ao longo dos anos, seguindo um mesmo projeto. Todos nós somos as pedras vivas desta obra, que tem Cristo como fundamento e ápice, princípio e fim. Muito mais do que um monumento, a Basílica da Sagrada Família continua a ser hoje uma obra em construção, que nos lembra como a vida cristã é sempre um caminho, porque se trata de um projeto que é levado a cabo por Deus.

Não habitamos, portanto, uma obra inacabada, mas um templo ainda em construção. A sua imperfeição não é um defeito, pois testemunha um desejo; não significa uma falta, mas expressa uma promessa que queremos honrar com coerência. A nossa gratidão transforma-se, assim, em compromisso, ao mesmo tempo que cooperamos no projeto de Deus, ou seja, na edificação para a qual Ele mesmo nos chama. Uma vez que somos templo do Espírito Santo (cf. *1 Cor* 6, 16.19), esta obra coincide com a nossa vida, que Deus concebe como uma obra-prima que devemos realizar juntos e para a qual nos chama a colaborar com Ele (cf. *1 Cor* 3, 9).

A este respeito, conservamos no nosso coração as palavras que o Senhor dirigiu ao rei David: «És tu que me vais construir uma casa para Eu habitar?» (*2 Sm* 7, 5). Pelo contrário, «o Senhor faz hoje saber que será Ele próprio quem edificará uma casa para ti» (v. 11). Com este anúncio, a

Escritura ensina-nos que não somos nós que damos um lugar a Deus, como se Ele fosse um elemento de uma série ou parte de um todo maior do que Ele. É Deus, antes, quem nos dá um lugar, e o lugar que nos oferece é o seu próprio coração: o lugar do Filho, para nós que éramos estranhos; o lugar do Amado, para nós que somos pecadores.

Esta sua vontade cumpre-se através de Jesus. Podemos, assim, compreender o sentido do que ouvimos no Evangelho, quando o Senhor disse aos fariseus: «Se não crerdes que Eu sou o que sou, morrereis nos vossos pecados» (Jo 8, 24). Palavras fortes, que não são, de modo algum, nem uma ameaça nem uma chantagem. São um convite à salvação, isto é, um apelo à liberdade por parte de Cristo, que deseja para nós o bem definitivo, eterno. Perante a ameaça do mal, o Senhor está sempre conosco, sempre a nosso favor. “Eu sou”: este é o Santíssimo Nome que Deus revelou a Moisés na sarça ardente, revelando a sua fidelidade inabalável. Feito homem, Ele torna-se para nós o Emanuel, fonte de graça, perdão, salvação e vida nova. Queridos irmãos, não podemos acreditar em Jesus e promover a guerra. Não podemos acreditar em Jesus e matar o inocente. Não podemos acreditar em Jesus e abandonar quem sofre, quem chora, quem foge da miséria.

Por isso, recordemos nesta tarde que *la Creu de Crist* [a Cruz de Cristo] que coroa esta basílica, *és la Creu dels últims* [é a Cruz dos últimos] que se tornam os primeiros, dos pecadores que se tornam santos, dos mortos que ressuscitarão. As três fachadas da Sagrada Família atestam-no: na Natividade, o Primeiro torna-se o último por nós; com o seu sacrifício, redime-nos através da Paixão; a sua morte dá-nos a vida eterna, tornando-nos participantes da glória divina. Ao admirar a torre de Jesus Cristo, *elevamos o olhar para Ele*, para Aquele que nos revela apenas a verdade de Deus e a verdade de nós mesmos. Olhando para Cristo, podemos ver o

mundo com olhos renovados: a torre da cruz transforma-se então em estandarte da caridade, porque Deus nos ama assim, transformando um instrumento de morte num sinal de esperança. Na cruz de Jesus, a nossa fé atinge o seu ápice, como professa a inscrição que se encontra na base da agulha: “*Tu solus Sanctus, Tu solus Dominus, tu solus Altissimus*”. Esta cruz brilha de dia, refletindo a luz do sol, e brilha de noite, iluminando a cidade como um farol aberto para o Mediterrâneo.

Sim, a luz de Cristo brilha nas trevas, embora as trevas não a tenham recebido (cf. *Jo* 1, 5.11). No entanto, esta rejeição não faz com que falte o amor de Deus: «Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então ficareis a saber que Eu sou o que sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou» (*Jo* 8, 28). É necessário passar pela paixão do Crucificado para sermos iluminados pela glória do Ressuscitado: desde sempre, com efeito, o Pai ensina a dar a vida e o Filho, que a recebe d’Ele, dá-a a todos com o poder do Espírito Santo. Eis precisamente porque a cruz é o sinal luminoso do seu amor.

É a fé que dá forma às pedras e sentido ao edifício que habitamos juntos. Na nossa oração, portanto, descobrimos o vínculo originário das coisas com Deus, criador do céu e da terra: Ele é o artista que imprimiu o seu esplendor no cosmos. Criado à sua imagem, o homem responde à obra de Deus com a sua própria criatividade: é assim que o artista converte o talento em louvor e a criatividade em testemunho do próprio Criador. Como arquiteto ardente de fé, o venerável Antoni Gaudí concebeu estes espaços com o desejo de narrar os mistérios da vida do Senhor: assim, propôs uma peregrinação espiritual, que conduz ao encontro com Cristo nascido, morto e ressuscitado por nós. Esta tarde, com Gaudí, de quem recordamos o centenário da morte, lembramos e agradecemos todos os promotores e benfeitores, os artistas e trabalhadores que cooperaram na construção de uma

obra-prima de arquitetura, que é também uma catequese eloquente feita de pedras, cores e luz. Na sua sabedoria, a Igreja renova assim a *Biblia pauperum* das antigas catedrais, que são, em si mesmas, mensagens de evangelização de grande riqueza. Nesta era da imagem, é ainda mais evidente como a arte e a beleza são canais eminentes de evangelização.

Queridos irmãos e irmãs, a beleza deste templo anima-nos a aprender cada vez mais com o nosso Mestre e Senhor a arte de viver segundo o seu Evangelho. Enquanto *levantamos o olhar para Ele*, o Crucificado Ressuscitado, comprometamo-nos a erguer o rosto daqueles que jazem no pó (cf. *1 Sm* 2, 8). E demonstremos assim que a Sagrada Família é a igreja mais alta do mundo, não para se destacar em classificações mundanas, mas para guiar os passos do povo de Deus que peregrina na terra da Catalunha, com a cruz que ilumina o caminho, como uma lâmpada acesa na espera do regresso do Esposo.

Bendito seja Deus para sempre!

**[Voltar ao índice](#)**

# **LAS PALMAS DE GRAN CANARIA**

# ENCONTRO COM AS ORGANIZAÇÕES DE RECEÇÃO DE MIGRANTES

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Porto de Arguineguín (Las Palmas de Gran Canaria)*

*Quinta feira, 11 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs:*

Acabámos de escutar uma das passagens mais exigentes do Evangelho. Sabemos que este mesmo capítulo faz também uma advertência que nenhum crente pode tomar de ânimo leve (*Mt 25, 41-45*). Hoje, junto ao mar, a Palavra torna-se mais concreta: aqui chegam tantas vidas feridas, despojadas de quase tudo, mas nunca da sua dignidade. Aqui, o Evangelho arranca-nos da posição confortável de espectadores e coloca-nos diante do irmão que chega. Pergunta-nos se soubemos reconhecer Cristo naqueles que desembarcam marcados pelo medo, a fome, a violência, depois de atravessarem o deserto, a noite e o mar.

Como podeis ver, na minha mão tenho o anel que se chama “do Pescador”. O próprio nome remete-nos para o lago da Galileia, onde Cristo chamou Pedro e lhe disse: «De futuro, serás pescador de homens» (*Lc 5, 10*). A Igreja interpretou este versículo como uma imagem da sua missão. Mas aqui e em lugares como El Hierro, este mandato adquire uma força literal e dolorosa. Esta ilha, pequena em extensão, mas grande em humanidade, viu chegar milhares de pessoas arrancadas da sua terra e entregues à fragilidade de uma canoa. Aqui há pessoas resgatadas do mar e

corpos sem vida retirados das águas. Por isso, o Sucessor de Pedro não se pode desinteressar destes cais. A Igreja não se pode desinteressar destas águas nem de qualquer lugar onde a fome, a sede, a violência, o medo ou o exílio continuem a ferir a dignidade humana. Os discípulos de Jesus não podem considerar alheio o clamor de quem grita no meio da noite.

Na linguagem bíblica, o mar pode ser uma imagem de ameaça, escuridão e caos. Aí aparecem o Leviatã, figura da força que devora, e Rahab, nome que evoca a soberba dos poderes que se levantam contra Deus e contra a vida (cf. *Sl* 74, 13-14; 89, 10-11; *Is* 27, 1; 51,9; *Jb* 26, 12). Também hoje existem monstros que espreitam estes mares: máfias que traficam com o desespero, traficantes que escravizam mulheres e crianças e a indiferença de muitos que permitem que os pobres sejam engolidos pela exploração ou pelo esquecimento.

Mas a fé não fica paralisada perante o poder do mar. Acreditamos num Deus que subjuga o caos, põe limites ao mal e abre um caminho quando a morte parece impor-se. Foi isso que o povo de Israel experimentou ao atravessar o Mar Vermelho para sair da escravidão e avançar rumo à liberdade (cf. *Ex* 14, 21-31). E assim o contemplamos em Cristo, que caminha sobre as águas e, perante a tempestade, pronuncia uma palavra soberana: «Cala-te, acalma-te!» (*Mc* 4, 39; cf. *Mt* 14, 25-27). Essa voz continua a ressoar contra as forças que devoram, escravizam e descartam tantos dos nossos irmãos. Ali onde Cristo ordena que o mar se cale, a Igreja não pode permanecer em silêncio diante de quem é abandonado às suas águas.

Obrigado pelos testemunhos, por nos recordardes o que significa salvar vidas. Obrigado, Maria, por nos lembrares o que a Cáritas, as paróquias e tantas pessoas fazem diariamente. As tuas palavras mostram-nos onde

começa a conversão do olhar: quando o migrante deixa de ser “mais um”, deixa de ser uma categoria e um número. Só então compreendemos que aquela menina poderia ser nossa filha, que aqueles rostos poderiam fazer parte da nossa família; e então, a consciência fica sem desculpas. A misericórdia começa com pequenos gestos: às vezes com algumas bolachas e um pouco de leite; outras vezes, com cinco pães e dois peixes (cf. *Mt* 14, 17-21). Não se trata de resolver tudo, mas de colocar tudo nas mãos de Deus e de estar presentes onde o ser humano sofre, os recursos não são suficientes e não há uma língua comum, embora os gestos ainda possam falar. Obrigado de coração a todos aqueles que se juntam aos resgates, ao acolhimento e ao acompanhamento, dando testemunho de que a misericórdia concreta pode salvar e mudar vidas.

Querida Blessing, embora não estejas aqui hoje, a tua voz está. Obrigado por partilhares a tua história conosco. O teu nome significa bênção e lembra-nos que cada vida humana é uma bênção de Deus. Ninguém pode comprá-la, vendê-la, usá-la ou descartá-la, porque em cada pessoa resplandece a imagem e semelhança do Criador (cf. *Gn* 1, 27). Contaste-nos que fugiste do teu país não porque quisesses, mas porque não havia outra opção. Nas tuas palavras, ouvimos o drama de tantas pessoas obrigadas a partir porque a pobreza, a guerra, as ameaças ou a exploração lhes bloquearam todos os caminhos.

Gostaria que esta mensagem chegasse a ti e a tantas mulheres vítimas do tráfico e da exploração: se outros colocaram um preço no teu corpo, Deus nunca deixou de olhar para ti como alguém com valor incalculável. Se quiseram aprisionar-te num passado de dor, Deus continua a pronunciar sobre ti uma promessa de futuro. Se te trataram como uma coisa, a Igreja quer dizer-te hoje: és filha, és irmã, és uma bênção. A tua vida não pertence àqueles que te fizeram mal; o teu corpo não pertence àqueles que se

aproveitaram de ti; os teus dias não pertencem àqueles que quiseram acorrentá-los ao medo. A tua vida pertence a Deus e conserva uma dignidade que não te podem tirar. E nós queremos caminhar contigo até que essa verdade volte a ser sentida de um modo mais forte do que a dor.

Queridos migrantes: antes de vos dizer qualquer outra palavra, quero inclinar-me perante a vossa dignidade. Não sois números nem processos administrativos. Sois pessoas com uma família e uma casa deixada para trás; com sonhos que ninguém tem o direito de desprezar. Mas também quero dizer-vos que a vossa vida deve ser protegida. Não entregueis a vossa existência àqueles que com ela fazem comércio. Não acrediteis naqueles que prometem paraísos fáceis em troca do vosso corpo ou de dinheiro, de silêncio ou da vossa liberdade. Essas falsas promessas são “cantos de sereias”, são indústrias de morte.

Este drama tem de se tornar um exame de consciência: para as nações de origem, que devem criar condições de paz, justiça e desenvolvimento; para as nações de passagem, chamadas a proteger e a não deixar os mais fracos nas mãos de redes criminosas; para a Europa, que não pode proclamar a dignidade humana e habituar-se a que o Mediterrâneo e o Atlântico sejam cemitérios sem lápides; para a comunidade internacional, chamada a uma cooperação eficaz e perseverante.

Também a Igreja deve deixar-se interpelar. O acolhimento do migrante não pode ser algo secundário nem delegado exclusivamente a alguns voluntários. Ajoelhamo-nos diante do altar para adorar Cristo presente na Eucaristia, de quem recebemos a força e a motivação para viver a caridade; por isso, não podemos depois “passar de largo” perante as canoas e as pequenas embarcações, pois da oração brota todo o serviço e a ela volta todo o compromisso (cf. *Lc* 10, 31-32).

A partir desta ilha, gostaria que a voz daqueles que hoje se pronunciaram chegasse àqueles que têm nas suas mãos responsabilidades decisivas – autoridades civis, parlamentos, governos e organizações internacionais –, e também às comunidades cristãs, às outras tradições religiosas e a todos os homens e mulheres de boa vontade. Não basta gerir as chegadas, distribuir números, reforçar as fronteiras ou lamentar as mortes quando estas já tiveram lugar. Cada embarcação que chega não traz apenas migrantes; traz consigo uma pergunta: que mundo construímos, se tantos irmãos têm de arriscar a morte para procurar a vida?

A dignidade humana exige vias legais e seguras, resgate e assistência, cooperação concreta contra os traficantes, proteção efetiva às vítimas, processos sérios de acolhimento e integração, e políticas que permitam a cada pessoa viver com dignidade na sua própria terra. Embora exista o direito de procurar refúgio quando a vida está ameaçada, existe também o direito de não ter de migrar: o direito de permanecer na própria casa sem fome, nem guerra, nem perseguição, nem violência, sem que a terra se torne inabitável, sem que a corrupção roube o pão dos pobres, sem que as armas destruam o futuro das crianças. Não podemos habituar-nos a contar mortos. A dignidade humana não tem passaporte nem perde valor ao atravessar uma fronteira.

Deus, que “no ocaso da vida nos julgará sobre o amor” (cf. S. João da Cruz, *Avisos e sentenças*, 57), que nos conceda reconhecê-lo hoje nos pobres e nos estrangeiros, e nos livre de olhar para a dor alheia como se não nos pertencesse. Que Nossa Senhora do Carmo acompanhe aqueles que chegaram, console quem perdeu os seus entes queridos, sustente aqueles que os acolhem e desperte em todos nós a coragem da misericórdia.

E que a história não tenha de nos acusar de termos convertido a dor dos que sofrem numa paisagem habitual das nossas costas. Porque hoje, aqui, junto ao mar, cada vida que chega questiona-nos sobre o que resta da nossa humanidade. Mais cedo ou mais tarde, saber-se-á se soubemos guardá-la ou se deixámos que a indiferença falasse por nós. Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM OS BISPOS, OS SACERDOTES, OS DIÁCONOS, OS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS, OS SEMINARISTAS E OS AGENTES PASTORAIS

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Catedral de Santa Ana (Las Palmas de Gran Canaria)*

*Quinta-feira, 11 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos bispos,*

*queridos sacerdotes,*

*religiosos e religiosas,*

*irmãos e irmãs em Cristo Jesus:*

É para mim uma grande alegria poder partilhar este encontro convosco. Obrigado pelo caloroso acolhimento, pela vossa presença afável e pelos vossos testemunhos, que são o reflexo de uma Igreja viva, em cujo coração ressoam «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem» (*Gaudium et spes*, 1).

Venho a estas ilhas como Pai e irmão na fé: «Convosco sou cristão e para vós sou bispo» (cf. *Primeira Bênção “Urbi et Orbi”*, 8 de maio de 2025). Cada um de nós recebeu diversos dons e ministérios para a edificação do corpo de Cristo, como ouvimos na leitura da Carta aos Efésios. E este é o apelo do Senhor que hoje reverbera novamente nos

nossos corações e confirma a nossa vocação e missão: construir juntos a Igreja, alicerçados em Cristo, a “pedra angular” (cf. *1 Pe* 2, 6-8), edificar no bem, harmonizar as nossas diferenças e trabalhar unidos em favor de todos (cf. *Magnifica humanitas*, 11-14).

Gostaria que refletíssemos juntos sobre duas atitudes da nossa vida cristã que devemos ter em conta para sermos “sábios arquitetos” na construção da civilização do amor (cf. *ibid.*, 236).

Vós, canários nativos ou por adoção, Povo de Deus que peregrina em terras rodeadas pelo Atlântico, tendes o privilégio de desfrutar todos os dias da majestosa presença do mar. Dizem que, nos olhos de um ilhéu, essa imagem – que tem o sabor da pátria e do lar – permanece gravada nas suas pupilas de forma perene, e que se sente muita saudade quando se está longe, na direção do interior. Este sentimento corresponde a uma saudável nostalgia da imensidão, do céu e do mar abertos que se estendem no horizonte, sem limites nem fronteiras; e a um coração sensível, disposto a despedir com uma lágrima os que partem e a receber de braços abertos os que chegam. Neste sentido, o mar pode, por vezes, ser também sinónimo de distância e separação, de desafio e caminho a percorrer.

A este respeito, diz-nos Santo Agostinho: «Se alguém avistasse de longe a sua pátria, mas um mar se interpusesse entre ambos: vê para onde ir, mas ignora o caminho. Assim acontece conosco: ansiamos alcançar a nossa condição estável, [...] mas, no meio, está o mar deste mundo [...] Para nos ensinar o caminho, veio o próprio para quem queríamos ir. E que fez Ele? Deu-nos o lenho com que pudéssemos atravessar o mar. Ninguém é capaz de passar o mar deste mundo se não for levado pela cruz de Cristo» (*Comentário ao Evangelho de São João*, 2, 2). Esta é a primeira atitude que

nos orienta para navegar nas águas da vida e chegar ao destino, à pátria celestial: *abraçar a cruz de Cristo*.

Queridos irmãos e irmãs, os santos sentiram a saudade de Deus e, ao terem de enfrentar as tempestades da existência, souberam levar Jesus nas suas barcas, confiaram n'Ele, abraçaram a cruz e acalmaram assim as ondas da incerteza e do medo (cf. *Mt 8, 23-27*). Um exemplo, entre tantos outros, nestas terras abençoadas, é o venerável António Vicente González, sacerdote diocesano, também conhecido como “o bom pastor das Canárias”. A sua vida, transfigurada pela graça divina, estimula-nos a carregar a cruz de Cristo e a segui-lo (cf. *Mt 16, 24*), sendo testemunhas fiéis do Evangelho neste novo tempo da história, não isento de turbulências e contradições, para assim chegarmos à meta prometida (cf. *Jo 12, 32*).

A primeira “guia de navegação”, portanto, é abraçar a cruz de Cristo; e vós o fazeis diariamente quando, por exemplo, como cireneus, acompanhais e ajudais a carregar os fardos de tantos irmãos e irmãs crucificados pelos dramas da vida. Agradeço-vos por este generoso trabalho de caridade e misericórdia.

Gostaria ainda de destacar outra atitude: *cultivar uma espiritualidade eucarística*. Tal atitude está relacionada com a antiga tradição que se mantém nesta bela catedral: a chuva de pétalas de flores perante o Santíssimo Sacramento, que se realiza no dia da Ascensão, como sinal dos bens espirituais e celestiais que o Senhor derrama ao subir ao céu. Esse gesto de devoção de tantas gerações ao longo do tempo possui um significado profundo: na nossa peregrinação, o destino final é o encontro com Cristo, que é o centro da vida cristã, diante de quem nos ajoelhamos em adoração, em torno de quem nos reunimos formando um só corpo e

junto a quem nos oferecemos como «sacrifício vivo, santo, agradável a Deus» (*Rm* 12, 1).

O Concílio diz-nos: os fiéis, «pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, [...] manifestam visivelmente a unidade do Povo de Deus» (*Lumen gentium*, 11). Portanto, cultivar uma espiritualidade eucarística é mergulhar em «uma espiritualidade da unidade eclesial no amor» (*Magnifica humanitas*, 234). Façamos da nossa vida uma resposta ao desejo de Jesus: «para que todos sejam um só [...] e o mundo creia» (*Jo* 17, 21).

Uma forma concreta de manifestar esta espiritualidade de comunhão é a solidariedade cristã, porque «a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega» (*Deus caritas est*, 14). Por isso, encorajo-vos a continuar a oferecer a todos o amor que vós, por vossa vez, recebestes do Senhor (cf. *1 Jo* 4, 19), amor que se faz alimento no acolhimento, na escuta, na proximidade e no cuidado dos mais frágeis: «Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (*Mt* 25, 35-36).

Querida Igreja peregrina nas Canárias, seguindo a esteira de santidade de tantos homens e mulheres que vos precederam, que ofereceram as suas vidas em comunhão com o sacrifício de Cristo na cruz e no altar, encorajo-vos a seguir em frente, firmemente radicados n'Ele, para continuardes a navegar com coragem neste novo tempo da história. Quando encontrardes dificuldades, erguei o olhar e pedi ao Espírito Santo a graça de viverdes unidos na fé, na esperança e na caridade, virtudes que «são como três

estrelas que se acendem no céu da nossa vida espiritual para nos guiarem rumo a Deus» (São João Paulo II, *Catequese*, 22 de novembro de 2000).

Que a Bem-Aventurada Virgem Maria, *Stella maris*, nos guie na nossa travessia, nos ajude a “fazer-nos ao largo” (cf. *Lc* 5, 1-11) e assim cheguemos ao porto seguro do encontro definitivo com o seu Filho Jesus Cristo. Obrigado!

**[Voltar ao índice](#)**

# **SANTA MISSA**

## ***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Estádio de Gran Canária*

*Solenidade do Sagrado Coração de Jesus*

*Quinta-feira, 11 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs,*

Após um dia rico de encontros e partilhas, ao celebrar agora convosco esta Eucaristia, desejo, antes de mais, dar graças ao Senhor por tanto bem que aqui se faz quotidianamente, confiando-Lhe o empenho de todos e, ao mesmo tempo, os sofrimentos de que esta terra é testemunha. Convido-vos também a rezar juntos, nesta Santa Missa, pelos irmãos e irmãs que perderam a vida no mar.

Com o pão e o vinho, tudo levamos ao Altar, ao entrarmos – através desta Celebração vespertina – na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, a quem toda a Espanha está consagrada. Peçamos ao Senhor que, neste momento, estejam presentes em nós os mesmos sentimentos de humanidade, misericórdia e compaixão do Coração do Salvador.

Na nossa meditação, vamos deixar-nos ajudar pelas Leituras que acabámos de ouvir.

Na primeira, Deus recorda aos israelitas a gratuidade com que os amou. Escolheu-os não porque tivessem privilégios, dons ou méritos particulares,

mas por puro amor (cf. *Dt 7, 7-9*), e continuará sempre a amá-los, mesmo que, pela dureza do seu coração, não correspondam aos seus sentimentos.

Esta é a caridade de Deus, na qual tem as suas raízes a nossa vocação ao amor, que não se baseia no cálculo, nem no mero sentimento, nem se reduz a simples filantropia, mas penetra todo o nosso ser: fogo para a alma, luz para a mente, impulso irresistível para a liberdade, paz e, ao mesmo tempo, tormento para o coração, que bate em sintonia com outros corações, envolvendo toda a pessoa. Porque amar é conatural ao homem, ou melhor, é condição para a plenitude da própria existência.

Assim, na humanidade do Salvador e nos movimentos do seu Santíssimo Coração, se nos revela o amor: imutável e fiel mesmo perante a incompreensão e a rejeição, o medo, a tristeza e a resistência humana (cf. *Lc 22, 39-46*).

E é neste rosto de Deus, sempre “apaixonado”, que anseia total e constantemente o nosso bem e a nossa plena felicidade, que reconhecemos o caminho da vida, aprendendo um novo modo de existir e de nos relacionarmos, um critério diferente para avaliar as decisões, um estilo renovado e estimulante de viver a comunhão. A este respeito, o Papa Francisco, falando da caridade de Cristo, dizia que «a melhor resposta ao amor do seu Coração é o amor aos irmãos» (*Dilexit nos*, 167) e acrescentava: «não há maior gesto que possamos oferecer-lhe para retribuir amor por amor» (ibid.). “Retribuir amor por amor”: esta é a maravilhosa permuta, o «*admirabile commercium*» (cf. *Vésperas I da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, primeira antífona), pelo qual o Evangelho convida a deixar-nos atrair, traduzindo a medida infinita do amor de Deus na generosidade com que O servimos, todos os dias, nos irmãos e irmãs que Ele próprio coloca no nosso caminho. Em especial nos mais necessitados,

indefesos, incapazes de dar algo em troca (cf. *Lc* 6, 32-36). Exatamente como acontece nesta ilha, no acolhimento, na partilha, no dom desinteressado.

A gratuidade do Coração de Cristo, no entanto, não se limita a isto. Vai ainda mais longe, comprometendo-se a ajudar cada um não só a sobreviver, mas também a recuperar a confiança e a retomar o caminho, para crescer e florescer plenamente na sua singularidade, para o bem de todos. A este respeito, escreveu o Papa Bento XVI: a caridade «que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena [...] é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira» (*Caritas in veritate*, 1).

Na segunda leitura, São João recordou-nos que «Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida» (*1 Jo* 4, 9). As suas palavras evocam as de Jesus, que disse ter vindo para que tivéssemos vida e a tivéssemos em abundância (cf. *Jo* 10, 10), e que ordenou ao parálítico curado: «Levanta-te, pega no teu catre e anda» (*Mc* 2, 9). Nestas expressões reconhecemos o convite a abraçar maternalmente quem sofre, mas, ao mesmo tempo, a preparar e encorajar quem está ferido para que se levante e volte a pôr-se a caminho, rumo a uma vida livre e digna.

Com efeito, a nossa caridade não deve limitar-se a um mero assistencialismo, mas deve integrar as pessoas, para a sua plena realização — espiritual, intelectual e física — e a sua inserção digna e construtiva na comunidade (cf. *Fratelli tutti*, 129). Só assim os nossos encontros, mesmo perante acontecimentos difíceis e dolorosos, se transformarão numa ocasião para semear a esperança no caminho da humanidade rumo a um futuro melhor.

Mas gostaria de me deter, à luz da Palavra de Deus que acabámos de ouvir, numa última característica do Coração de Cristo: a humildade (cf. *Mt* 11, 29). O Coração de Jesus é humilde e, por isso, os seus batimentos não são sentidos pelos “doutos” e pelos “sábios”, ou seja, por aqueles que têm a presunção de bastar-se a si mesmos, de saber tudo, de não precisar nem de Deus nem dos outros. A estes, efetivamente, atordoados pelos estrépitos de um “eu” inflamado, omnipresente e agitado, falta o silêncio necessário para ouvir em si mesmos e nos irmãos o palpitar escondido do amor.

«Com frequência, o bem-estar torna-nos cegos, a ponto de pensarmos que a nossa felicidade só pode ser alcançada se conseguirmos viver sem os outros» (*Dilexi te*, 108). Por outro lado, Jesus ensina-nos o contrário: para saborear a verdadeira alegria da vida, que reside no amor, é necessário descer dos pedestais da arrogância que divide, para nos encontrarmos na humildade que nos faz irmãos.

Santo Agostinho dizia: «onde está a caridade, aí está a paz, e onde está a humildade, aí está a caridade» (*Sobre a Primeira Carta de São João aos Partos*, Prólogo). É assim. Onde há verdadeira humildade, há amor, e onde há amor, há paz, porque só na humildade conhecemos realmente quem somos e, por isso, podemos amar-nos, encontrar-nos, entregar-nos e perdoar-nos na verdade.

Queridos irmãos e irmãs, hoje adoramos o Sagrado Coração de Jesus, um coração que frequentemente representamos coroado de espinhos e numa chama acesa, segundo as visões que teve Santa Margarida Maria Alacoque. Recordemos que somos a presença viva do Senhor no mundo (cf. *Lumen gentium*, 8). Por isso, olhemos uns para os outros, não só neste dia, mas sempre, com respeito e confiança, e renovemos, nesta consciência, o compromisso de completar em nós, na caridade, o que falta aos sofrimentos

de Cristo, para o bem da Igreja (cf. *Col 1, 24*). Inflamados pela caridade do seu Coração, sejamos portadores da sua misericórdia e da sua paz, para que cessem as guerras no mundo e cresça à nossa volta uma nova humanidade, reconciliada no amor.

**[Voltar ao índice](#)**

**TENERIFE**

# ENCONTRO COM OS MIGRANTES DO CENTRO “LAS RAÍCES”

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*San Cristóbal de La Laguna (Tenerife)*

*Sexta-feira, 12 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs, bom dia!*

Agradeço as profundas palavras que me dirigiu a senhora Ministra, bem como o Diretor deste Centro.

Hoje, na Igreja, celebramos a solenidade do Sagrado Coração de Jesus, que representa para os cristãos o amor misericordioso e infinito de Deus por cada ser humano. Neste contexto, é providencial que possamos encontrar-nos, ver-nos e, acima de tudo, saber que o amor de Deus não conhece fronteiras, não faz distinções, é concedido a todos e nos congrega na unidade, independentemente da nossa origem.

Ao olhar para os vossos rostos e ao ouvir os vossos testemunhos, penso também nos vossos corações, feridos por tantas dificuldades, mas igualmente consolados pelo amor recebido graças a outros corações abertos, generosos e misericordiosos. O Coração de Cristo sofreu e foi traspassado por amor, e também foi confortado por pessoas compassivas que se aproximaram para aliviar a sua dor.

Jesus, para explicar a universalidade do amor, apresentou como exemplo o serviço prestado por um homem que, de outro povo e religião, se

compadeceu dum ferido e maltratado (cf. *Lc* 10, 25-37). Motivados por esse amor de Deus, que nos ajuda a curar as feridas e a ser caridosos com quem sofrem, São Pedro de São José Betancur e São José de Anchieta partiram destas terras canárias para anunciar o Evangelho na América, abrindo novos horizontes missionários. Também eles foram migrantes que se dirigiram para o desconhecido, levando como principal bagagem a fé, a esperança e a caridade.

Naquelas terras desconhecidas, os santos migrantes e missionários souberam dar o que tinham e, ao mesmo tempo, acolher o novo que se lhes era oferecido. Convido-vos também a oferecer o tesouro de humanidade, sonhos e cultura que trouxestes para estas ilhas, e a estar abertos para receber tudo com o qual sois brindados. Devemos viver esta permuta também com responsabilidade, pensando no futuro das gerações vindouras, a quem queremos legar o património duma civilização do amor, na qual as migrações têm uma palavra importante a dizer, porque «podem tornar-se uma oportunidade de encontro e enriquecimento mútuo entre povos» (*Magnifica humanitas*, 81).

Queridos irmãos e irmãs, todos nós – de certa forma – somos migrantes, todos somos peregrinos a caminho da pátria celestial. Ajudemo-nos uns aos outros a fazer desta travessia um lugar mais humano para todos, contribuindo com o que estiver ao alcance de cada um. Neste sentido, agradeço a colaboração por parte do Governo, das diversas instituições e de tantos homens e mulheres de boa vontade que tornam possível esta ajuda humanitária concreta, que devolve esperança e dignidade a tantas pessoas.

Chamou-me a atenção o nome deste Centro de acolhimento, que se chama “Las Raíces”. O meu Predecessor, o querido Papa Francisco, que tanto ansiava poder estar convosco, gostava de utilizar a imagem das raízes

para indicar a necessidade de não esquecer as origens, de permanecer unidos e de confiar no Senhor. «Com efeito, quem confia no Senhor “é como a árvore plantada perto da água, a qual estende as raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante” (Jr 17, 8)» (*Christus vivit*, 133). Que esta imagem das raízes vos ajude também a permanecer firmemente enraizados no Senhor (cf. *Col* 2, 7), para que nenhuma tempestade vos possa afastar da sua presença, que fortalece e dá vida.

Queridos amigos, levar-vos-ei no meu coração e nas minhas orações. Que Deus vos abençoe, que abençoe as vossas famílias e todos aqueles que vos fazem o bem. E que a Santíssima Virgem Maria, Consoladora dos migrantes, vos acompanhe e sempre vos auxilie com a sua proteção maternal.

Muito Obrigado!

***Palavras improvisadas a partir da varanda do Paço Episcopal de San Cristóbal de La Laguna (Tenerife)***

Bom dia! Bom dia a todos! Muito obrigado! Obrigado por estardes aqui, obrigado por esta receção tão bonita. Sobretudo, obrigado pelo acolhimento que dais a todos os imigrantes. Todos queremos ser reconhecidos com a dignidade humana que Deus nos deu quando nos criou. Somos todos irmãos e irmãs: alguns peruanos, outros colombianos, outros venezuelanos e outros de Tenerife. Somos todos uma única família. Agradeço a Deus, que nos deu a vida. Agradeço a Deus, que nos fez capazes de amar e de ser amados. E é quando compartilhamos com os outros que descobrimos o verdadeiro sentido das nossas vidas. Obrigado a todos. Ver-nos-emos ainda, um pouco

mais tarde. Obrigado por estardes aqui, e que Deus vos abençoe: Pai, Filho e Espírito Santo. Obrigado!

**[Voltar ao índice](#)**

# ENCONTRO COM AS REALIDADES DE INTEGRAÇÃO DOS MIGRANTES

## *DISCURSO DO SANTO PADRE*

*Praça do Cristo, em La Laguna (Tenerife)*

*Sexta-feira, 12 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs:*

É uma alegria para mim partilhar este momento convosco aqui, em San Cristóbal de La Laguna, sede desta diocese. Chamou-me a atenção o que se diz desta cidade: que é uma cidade uma cidade aberta, sem muralhas.

Talvez este pormenor nos ajude a compreender que as barreiras mais difíceis de derrubar nem são sempre as de pedra. Por vezes, elas encontram-se no olhar, no medo ou na indiferença. O mar, que rodeia estas ilhas, traz até nós histórias que nem sempre sabemos ler: histórias de dor, de esperança e de busca. Numa cidade sem muralhas, também o coração é chamado a abrir-se para as acolher. Por isso, precisamos de aprender a linguagem da proximidade, aquela que se compreende mais com as mãos do que com as palavras.

O braile e outras formas de escrita tátil recordam-nos que a palavra também pode abrir caminho através do toque. Da mesma forma, a integração exige que aprendamos a ler de outra forma. Há olhares que veem e, no entanto, não reconhecem; transformam um rosto numa cifra, uma história num processo e uma diferença numa distância. Daí que o Evangelho nos eduque para uma leitura mais profunda da realidade: aquela

que nasce da proximidade, da paciência e de mãos capazes de socorrer, acompanhar, orientar, ensinar e abrir caminhos.

Nas obras de integração destes nossos irmãos – tal como em toda a obra de caridade – a Igreja aprende a ler, na vida concreta daqueles que sofrem no corpo ou no espírito, um sinal vivo que remete para os Santos Evangelhos e que se torna legível, através do tato e da proximidade, quando tocamos nas feridas dos outros. Tal como Tomé perante o corpo glorioso do Ressuscitado, também a Igreja aprende que as feridas, vistas com os olhos da fé, podem converte-se num lugar de reconhecimento: ali onde a dor humana é tocada com amor, Cristo confirma-nos que está presente no faminto, no sedento, no que está nu, no doente, no prisioneiro e no estrangeiro (cf. *Mt* 25, 35-40). Dessa fé, que reconhece Cristo vivo, nasce também o serviço do Padre Darwin e de tantas pessoas. A caridade cristã brota do amor de Deus derramado no coração do crente; por isso, perante o necessitado, a fé faz-se concreta e o amor a Cristo transforma-se em gestos.

Partindo desta convicção, a nossa presença pretende testemunhar que a solidariedade nasce do reconhecimento da dignidade humana e vai além de qualquer conceito secundário ou simples ato de filantropia. Ela é chamada a comprometer-se e a assumir a forma de um processo. O acolhimento abre a porta; a integração ajuda a atravessar o limite. A assistência aplica um bálsamo na ferida e a integração reconstrói o futuro.

Integrar não significa apagar a história de quem chega, nem exigir-lhe que deixe para trás tudo o que faz parte da sua memória. Tampouco significa criar mundos paralelos, fechados uns aos outros, onde as pessoas convivem sem se encontrarem realmente. Integrar é um caminho recíproco: quem chega aprende a habitar uma nova terra, e quem acolhe aprende a abrir a sua própria casa sem diluir a sua identidade nem fechar o coração ao

encontro. A vós, queridos irmãos migrantes, cabe uma parte nobre e necessária deste caminho: abrir-vos com confiança à comunidade que vos acolhe, aprender a sua língua, respeitar as suas leis, conhecer os seus costumes, participar na vida comum e oferecer com gratidão os vossos dons.

Toda sociedade acolhedora tem deveres para com aqueles que chegam; e quem é acolhido descobre também que a dignidade, reconhecida como um direito, floresce quando se transforma em responsabilidade e num desejo sincero de construir em conjunto com os outros. Assim, quem chegou como forasteiro pode reencontrar laços, reconstruir a confiança e sentir-se parte viva de uma comunidade. Esta é uma forma preciosa de misericórdia.

Estamos a falar, acima de tudo, de pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus, antes do que de categorias jurídicas ou de problemas a gerir. Após viagens difíceis e, por vezes, várias tentativas – como no caso de Khalid –, procuram alguém que lhes diga, mais com ações do que com palavras: a tua vida não é um descarte, o teu sofrimento não é invisível, a tua dignidade não se dissolveu nas águas que atravessaste – como nos dizia Mbacke. Mas procuram também algo mais: uma possibilidade concreta de recomeçar, de aprender, de trabalhar, de servir, de participar, de não permanecerem para sempre confinados à condição de vítimas.

Neste sentido, desejo agradecer as palavras de Dom Eloy e, com elas, o testemunho de uma Igreja que, embora com meios modestos, deseja “caminhar com os que caminham”. Obrigado à Cáritas diocesana, à Delegação Diocesana para as Migrações, às paróquias e a tantas realidades eclesiais e civis que vão além da primeira assistência e acompanham processos de proteção, promoção e integração. Obrigado por tornarem possível que quem um dia foi acompanhado possa transformar-se – como

nos recordava Thalia – numa ponte para os outros, retribuindo o amor recebido. Quando quem precisou de uma mão começa a estender a sua, a caridade recebida transforma-se em responsabilidade partilhada.

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer os tantos migrantes que, vindos da América Latina, das Filipinas e de outras partes do mundo, já fazem parte integrante da comunidade e, com a sua fé, o seu trabalho e os seus dons, ajudam a renová-la. Deixem-se também evangelizar por eles, pois certamente trazem consigo dádivas que a Providência quis fazer chegar até vós através daqueles que se integram. Eles recordam que integrar é abrir espaço para que uma pessoa se possa sentir corresponsável. Assim, o estrangeiro de ontem pode ser o irmão e vizinho de hoje.

Aos católicos, quero pedir algo mais: que a integração não se reduza a uma tarefa social, por mais necessária que seja. Quem chega às nossas paróquias precisa de pão, abrigo, língua, trabalho e proteção; e deve também encontrar uma comunidade capaz de oferecer, através do testemunho da vida e da palavra, caminhos para conhecer Jesus Cristo, respeitando sempre a consciência e a liberdade de cada pessoa. Evangelizar é partilhar com respeito e humildade o tesouro que sustenta a nossa ação e nossa esperança. Uma Igreja que acolhe é também uma Igreja que anuncia, oferecendo Cristo sem o impor e que, ao mesmo tempo, recebe o Evangelho das mãos dos pobres.

Uma consciência humana, e ainda mais uma consciência cristã, não pode permanecer indiferente diante das vítimas dos naufrágios e da falta de ajuda, diante desses cemitérios do mar. Cada vida perdida nestas rotas é um fracasso para a família humana. Não obstante, existe também um naufrágio silencioso após a chegada: encontrar-se sozinho numa cidade, sem língua, sem laços, sem trabalho, sem confiança e exposto àqueles que se

aproveitam da vulnerabilidade. Integrar é impedir esse segundo naufrágio. É ajudar quem chegou ferido a não ficar preso para sempre na sua dor, mas a poder voltar a levantar-se, reconhecer os seus dons e oferecê-los à comunidade.

E, a partir desta praça, quero dirigir uma palavra clara a quem se aproveita do desespero; a quem organiza rotas da morte, trafica pessoas, retém documentos, explora trabalhadores, ameaça mulheres, engana famílias e transforma o sofrimento alheio num negócio. Parai. Convertei-vos (cf. *Mc* 1, 15). As lágrimas e o sangue destes irmãos clamam a Deus e os seus sofrimentos chegam até Ele (cf. *Gn* 4, 10; *Ex* 3, 7-9). O dinheiro arrancado da vulnerabilidade dos pobres não trará paz, nem honra, nem futuro (cf. *Jr* 22, 13; *Tg* 5, 1-6).

Por cada vida perdida, cada família enganada, cada corpo subjugado, cada mulher ameaçada, cada trabalhador explorado, tereis de comparecer perante a justiça divina (cf. *2 Cor* 5, 10). Quebrai essas correntes e libertai aqueles que tendes sob o vosso domínio (cf. *Is* 58, 6). Restitui o que foi roubado e reparaí o que puderdes. Voltai enquanto ainda há tempo, porque a misericórdia de Deus pode alcançar até mesmo o pecador mais endurecido, mas só é possível entrar pela porta estreita da verdade, da justiça e da conversão (cf. *Ez* 33, 11).

Irmãs e irmãos, a última palavra não pode pertencer ao medo, à indiferença nem à violência daqueles que negociam com a vida humana. A última palavra pertence a Cristo, que se identifica com o estrangeiro, toca as feridas da humanidade e nos chama a reconhecê-lo em cada irmão que precisa de ser acolhido, protegido, promovido e integrado. *Levantemos o olhar para Ele*, sem desviá-lo daqueles que sofrem; olhemos para o Senhor para aprender a olhar os nossos irmãos com os seus olhos.

A Sagrada Família de Nazaré, que teve de emigrar para o Egito para proteger a vida do Menino Jesus (cf. *Mt* 2, 13-15), continua a ser, através dos tempos, modelo e amparo de todas as famílias refugiadas, de todos os migrantes e de todas as pessoas que se veem obrigadas a abandonar a sua terra por medo, perseguição ou necessidade (cf. Pio XII, Const. ap. *Exsul Familia*). Que ela sustente o serviço que vós prestais e faça desta terra um lugar onde todos se reconheçam e se tratem como irmãos. Que Deus vos abençoe. Muito obrigado.

**[Voltar ao índice](#)**

# **SANTA MISSA**

## ***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Porto de Santa Cruz de Tenerife*

*Solenidade do Sagrado Coração de Jesus*

*Sexta-feira, 12 de Junho de 2026*

*Queridos irmãos e irmãs,*

É uma graça encontrarmo-nos neste dia em que o Coração de Jesus se deixa contemplar por nós como o coração da história. É com alegria que celebro convosco a Eucaristia, dando graças pela fé e pela caridade, das quais recebi tantos testemunhos nesta viagem apostólica e que fazem também deste arquipélago, tão conhecido pela sua beleza e acolhimento, um lugar onde o Senhor Ressuscitado nos precede e se manifesta. O mar, diante de nós, evoca o infinito, e o mesmo faz o céu, mas infinito é sobretudo o desejo que une o coração de Deus a tantos corações humanos, cujas alegrias e esperanças, tristezas e angústias encontram eco no coração da Igreja (cf. *Gaudium et spes*, 1). Nenhum ser humano é uma ilha; a localização geográfica desta diocese e os desafios pastorais que a comprometem atestam que nascemos para o encontro e que não há obstáculo, distância, perigo ou ameaça que possa impedir cada um de prosseguir a sua viagem. Quer permanecendo durante toda a vida no mesmo lugar, quer escolhendo partir ou sendo obrigado a fazê-lo, nunca ninguém permanece parado. Eis o segredo do coração: o íntimo chamamento ao êxodo e ao encontro.

Mas o Coração de Jesus revela-nos como não nos perdermos num dinamismo estéril: «Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida» (1 Jo 4, 9). Há vida quando se dá vida. Caso contrário, andamos às voltas no vazio. Com efeito, «como recorda o Concílio, o ser humano é chamado à comunhão com Deus e “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”: a sua vocação mais profunda é entrar no movimento trinitário do amor recebido e partilhado» (*Magnifica humanitas*, 48). O Papa Francisco observava: «Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor. Isto tem incidência no modo como se trata o ambiente» (*Laudato si'*, 225). São palavras que interpelam também a vocação turística de Tenerife, seja no que diz respeito ao coração de quem decide passar aqui um período de férias, seja para quem vive e trabalha na ilha, em contacto com visitantes de tantos países do mundo. O que procura o coração humano? Como responder à sua sede sem o enganar? Quão importante é, especialmente para quem se deixa orientar pelo Evangelho, não reduzir tudo ao comércio e ao lucro. «As pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade» (*ibid.*, 223). Interpretai assim, queridos irmãos e irmãs, a vossa vocação ao acolhimento.

O Evangelho, hoje, parece radicalizar este desafio e recorda-nos a riqueza dos pobres: um paradoxo que remete diretamente para a vida de Jesus, a sua verdade, o caminho pelo qual Ele continua a pedir que O

sigamos. Na passagem que acabámos de ouvir, Ele bendiz o Pai por isso: é aos pequeninos – o que, neste contexto, significa os mais insignificantes, aqueles que ninguém considera capazes de pensar e falar – que Deus se revelou a si mesmo. Enriqueceu-os com aquilo que permanece escondido àqueles que estão rodeados de admiração e sucesso. Com a Exortação Apostólica *Dilexi te*, quis chamar a atenção para este lugar privilegiado dos pobres na Revelação divina e na missão da Igreja.

É um mistério que ressoa de um modo totalmente peculiar nestas ilhas, situadas no centro de rotas migratórias que as tornam um local de primeiro acolhimento para irmãos e irmãs cuja viagem está geralmente exposta a perigos e violências indescritíveis. Perante quem especula com o desespero, não podemos, como cristãos, oferecer apenas um reflexo do Senhor que diz: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (*Mt 11, 28*). A maior graça é deixarmo-nos evangelizar por aqueles a quem socorremos, reconhecendo a misteriosa sabedoria de Deus inscrita na sua própria carne: «Crescidos em extrema precariedade, aprendendo a sobreviver nas condições mais adversas, confiando em Deus com a certeza de que mais ninguém os leva a sério, ajudando-se mutuamente nos momentos mais sombrios, os pobres aprenderam muitas coisas que guardam no mistério dos seus corações. Aqueles de entre nós que não fizeram experiências semelhantes, de viver à margem, certamente têm muito a receber da fonte de sabedoria que é a experiência dos pobres. Só comparando as nossas queixas com os seus sofrimentos e privações é possível receber uma repreensão que nos convida a simplificar a vida» (*Dilexi te*, 102). O Senhor, que repreende e corrige aqueles que ama (cf. *Ap 3, 19*), deseja tornar a nossa vida simples e alegre.

Queridos irmãos e irmãs, obrigado pelo que sois; obrigado pelo que fazeis, transformando esta ilha num lugar onde se encontra o coração de

Cristo no rosto amigo e hospitaleiro de pessoas e comunidades fraternas. «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1 Jo 4, 16): que esta confissão de fé transmitida pela Primeira Carta do apóstolo João resplandeça sempre em vós e vos motive à oração e à ação. Prestai atenção aos adolescentes e aos jovens, aos ricos e aos pobres, aos residentes e aos hóspedes: todos eles precisam de ser conhecidos com um olhar que vê além das aparências e reconhece a profundidade dos seus corações inquietos, que não raras vezes está já orientado, talvez inconscientemente, para o Reino de Deus e a sua justiça. Possa respirar-se entre vós que «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4, 16). Este é o coração do Evangelho, o coração de Cristo. Quem mergulha nele não vive já para si mesmo. Abri a todos este mar de amor! É este o meu desejo e a minha oração por vós e por todos aqueles que vos conhecerão.

### ***Agradecimento no final da Santa Missa***

Agradeço-lhe de coração, Excelência Reverendíssima, e consigo todo o povo de Tenerife, os seus Pastores e as Autoridades civis.

Caríssimos irmãos e irmãs, com esta celebração eucarística conclui-se a minha Viagem Apostólica à Espanha. Dou graças a Deus e a todos os que me acolheram e que, de mil maneiras, colaboraram na preparação e na realização dos diversos momentos decorridos em Madrid, Barcelona e Montserrat, e aqui nas Ilhas Canárias.

Volto para Roma comovido com o grande carinho em que fui envolvido, e confortado pelos testemunhos de fé e de amor à Igreja, expressões do enorme coração católico da Espanha.

Deste Porto, que tem o nome da Santa Cruz, o meu pensamento estende-se ao mundo inteiro e às suas feridas, que fazem sofrer populações inteiras. A todos gostaria de recordar o lema desta minha viagem: “*Levantai os olhos!*”. Sim, voltemos o olhar para Cristo Crucificado: o seu Coração é a fonte da misericórdia, a única que pode salvar a humanidade necessitada de perdão e de reconciliação para alcançar uma paz verdadeira e duradoura. Levantemos o olhar como fez Maria, a Mãe de todos os que sofrem, e, guiados por ela, retomemos o caminho com esperança!

Amados irmãos e irmãs! Muito obrigado! Permaneçamos unidos na oração e na comunhão em Cristo e na Santa Igreja.

**[Voltar ao índice](#)**

# **SOBRE**

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2026

**[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)**

**Consulte a lista completa de ebooks gratuitos**